

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA

FLÁVIA ROBERTA DE OLIVEIRA

OS LAÇOS E OS NÓS NA CONSTITUIÇÃO DO SER DOCENTE DE QUÍMICA

PONTA GROSSA
2020

FLÁVIA ROBERTA DE OLIVEIRA

OS LAÇOS E OS NÓS NA CONSTITUIÇÃO DO SER DOCENTE DE QUÍMICA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática, Área Formação de Professores e Ensino de Ciências.

Orientadora: Prof.^a Dra. Leila Inês Follmann Freire.

Coorientadora: Prof.^a Dra. Bettina Heerdt.

PONTA GROSSA
2020

O48 Oliveira, Flávia Roberta de
Os laços e os nós na constituição do ser docente de química / Flávia
Roberta de Oliveira. Ponta Grossa, 2020.
95 f.

Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática -
Área de Concentração: Formação de Professores e Ensino de Ciências),
Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Leila Inês Follmann Freire.
Coorientadora: Profa. Dra. Bettina Heerdt.

1. Formação docente. 2. Narrativas de formação. 3. Abordagem
autobiográfica. 4. Professores de química. I. Freire, Leila Inês Follmann. II.
Heerdt, Bettina. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Formação de
Professores e Ensino de Ciências. IV. T.

CDD: 371.12



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 - Bairro Uvaranas - CEP 84030-900 - Ponta Grossa - PR - <https://uepg.br>

TERMO

TERMO DE APROVAÇÃO

FLÁVIA ROBERTA DE OLIVEIRA

“OS LAÇOS E OS NÓS NA CONSTITUIÇÃO DO SER DOCENTE DE QUÍMICA ”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Ponta Grossa 15 de dezembro de 2020.

Membros da Banca:

Profa. Dra. Leila Inês Follmann Freire - (UEPG) – Presidente

Profa. Dra. Bettina Heerdt - (UEPG)

Profa. Dra. Josie Agatha Parrilha da Silva - (UEPG)

Profa. Dra. Adair Mendes Nacarato – (USF)



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Aparecida Telles, Secretário(a)**, em 10/12/2020, às 13:44, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Leila Ines Follmann Freire, Professor(a)**, em 15/12/2020, às 14:47, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Adair Mendes Nacarato, Usuário Externo**, em 15/12/2020, às 15:23, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Josie Agatha Parrilha da Silva, Professor(a)**, em 16/12/2020, às 22:24, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Bettina Heerd, Professor(a)**, em 17/12/2020, às 08:09, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.uepg.br/autenticidade> informando o código verificador **0373806** e o código CRC **30960C6A**.

Dedico esta dissertação a todos os meus professores que como um ramalhete deflores me confeccionaram docente, até aqui.

Também em memória a meu pai, Cícero Osvaldo de Oliveira que me ajudou incansavelmente com as primeiras palavras, e, por me incentivar a sempre estudar.

À minha mãe, Auria Viana Cabral de Oliveira, por ser o sustentáculo do trabalho de pesquisa em ir à diante. E ao meu esposo, Bergerson Van Hallen Viera da Silva, que não mediu esforços de incentivar a não desistir do problema de pesquisa, ouvindo-me nos momentos desolidão no inverno de Ponta Grossa – Campos Gerais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me fortaleceu através das palavras e dos gestos das pessoas a dar mais alguns passos na arte da escrita.

Às minhas orientadoras Leila Inês Follmann Freire e Bettina Heerdt sou muito grata por terem me ouvido e entenderem a importância da realização deste projeto de pesquisa sobre a minha própria história de vida, para a minha vida profissional e para o ensino de Química, pois é mais uma janela, mais uma possibilidade que se abre de campo de investigação através das histórias de vida e formação para compreender a formação dos professores de Química.

Agradeço ao meu esposo Bergerson Van Hallen Vieira da Silva que se manteve ao meu lado nos momentos difíceis, momentos em que caminhei em direção ao meu interior, processo inevitável, pois precisei me “lançar as águas” para aprender a nadar novamente no noturno da vida.

Aos meus laços de parentesco (tia Maria de Lurdes, mamãe Áuria Viana Cabral de Oliveira, papai Cícero Osvaldo de Oliveira, irmã Fernanda Mayara de Oliveira, irmã Bianca Nayara de Oliveira, irmão Fábio Renan de Oliveira, sobrinho Eduardo Serafim de Oliveira, prima Mere Lilian de Araújo, madrinha Márcia Araújo Rolin, padrinho Evandro Araújo Rolin e demais familiares) o meu sincero sentimento de gratidão por tê-los como laços familiares, laços que me endereçam na história de exemplos de luta e de caráter.

E ainda que o tempo que vivemos seja de obscurantismo e de contradições, nos distanciando do ideal de sociedade que faz justiça social em favor das minorias, este trabalho tentou reverberar a voz dos silenciados, dos esquecidos e dos humilhados por outro tipo de pão, o direito da palavra, da participação e da atenção consciente de si mesmos. Aos meus mestres (da pré-escola à pós-graduação) com carinho dedico este trabalho, pois todos somaram para a minha educação contribuindo para que eu chegasse no nível de aprendizagem em que me encontro. Não poderia deixar de agradecer aos meus amigos(as) Luciana Zarelli, Leandro Rocha, Franciellen Rodrigues, Douglas Benício e Érica Dias pelos momentos de conversa sobre os problemas do ensino de química e por meio do diálogo acendermos uma chama de “esperançar” por uma educação menos massificada.

OLIVEIRA, F. R. **Os laços e os nós na constituição do ser docente de química.** Orientadora: Leila Inês Follmann Freire. Ponta Grossa, 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020.

RESUMO

O trabalho desenvolvido ancorou-se em uma perspectiva epistemológica de pesquisa autobiográfica do tipo qualitativa. A dissertação foi estruturada em narrativas na forma de cartas à luz da questão de pesquisa: Como o experimentar diferentes lugares constituíram o ser docente de Química? Desse modo, busquei como objetivo geral compreender como os diferentes laços existenciais contribuíram para a construção do ser docente de química que sou. Para esclarecer a questão de pesquisa também formulei dois objetivos específicos. O primeiro foi de estabelecer relações entre os diferentes lugares que contribuíram para a constituição do ser docente de Química. E o segundo, explicitar os laços criados e desatados na constituição do ser docente de química. Ao longo do trabalho primeiramente o Diário íntimo foi elaborado e a partir dele um segundo texto intitulado de corpo biográfico. Posteriormente ambos foram relidos e organizados em narrativas na forma de cartas levando em consideração as questões indutoras “Que experiências marcaram a minha vida intelectual e profissional?” “O que essas experiências fizeram comigo?” e “O que faço agora com o que isso me fez?” (PASSEGGI, 2011). A metáfora do nó de marinheiro de Josso (2006) utilizada como metodologia de autoanálise esclareceu que os laços e os nós de meu itinerário escolar foram laços transgeracionais, de parentesco, de aliança, geracionais, religiosos e profissionais atrelados a nós do tipo: górdio, espinha, esquerdo e de coullant. Para narrar estes laços e nós foi preciso assumir a oportunidade de cumprir a tarefa histórica de me transformar por meio da escrita. E dizer eis-me aqui corporizada na narrativa. Também oportunizou acolher que a escolha profissional no início da formação foi um ato de inconsciência que, no itinerário escolar tornou-se consciente. Além disso, as experiências que constituíram a minha identidade docente advêm da educação básica, dos projetos de ensino e grupos de estudos no ensino superior, lugares que me conduziram a uma identidade docente que pratica a pedagogia crítico-progressista de natureza emancipatória e libertadora. Lançar-me às águas para realizar essa pesquisa me exigiu a atitude de assumir paradigmas da autobiografia. Como não é possível narrar no ritmo da vida foi preciso de um pouco de ficção para contar episódios da realidade. O projeto futuro é de me comprometer com uma escuta e escrita sensível ao longo do meu caminhar, pois elas me inseriram neste trabalho e mais perto das coisas da vida e da profissão.

Palavras-Chave: Formação docente. Professores de Química. Narrativas de Formação. Abordagem autobiográfica.

OLIVEIRA, F. R. **Os laços e os nós na constituição do ser docente de química.** Orientadora: Leila Inês Follmann Freire. Ponta Grossa, 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020.

ABSTRACT

The work developed was anchored in the epistemological perspective of qualitative autobiographical research. The dissertation was structured in narratives in the form of letters. Facing the research question: How does experiencing different places constitute being a chemistry teacher? Thus, I sought as a general objective to understand how the different existential ties contributed to the construction of the chemistry teacher that I am. To clarify the research question, I also formulated two specific objectives. The first was to establish relationships between the different places that contributed to the formation of the Chemistry teacher. And the second, to explain the bonds created and untied in the constitution of the chemistry professor. Throughout the work, the Intimate Diary was created and from it a second textentitled Biographical Body. Subsequently, both were reread and organized in narratives in the form of letters taking into account the inducing questions "What experiences marked my intellectual and professional life?" "What did these experiences do to me?" and "What do I do now with what it did to me?" (PASSEGGI, 2011). Josso's (2006) metaphor of the sailor's knot used as a self-analysis methodology clarified that the ties and nodes in my school itinerary were transgenerational, kinship, alliance, generational, religious and professional ties linked to us of the following type: Gordian, spine, left and coullant. To narrate these ties and we need to take the opportunity to fulfill the historical task of transforming myself through writing. And, to say, here I am embedded in the narrative. It alsomade it possible to accept that the professional choice at the beginning of the trainingwas an act of unconsciousness that, in the course of school, became conscious. In addition, the experiences that constituted my teaching identity come from basiceducation, from teaching projects and study groups in higher education, places that led me to a teaching identity that practices a critical-progressive pedagogy of an emancipatory and liberating character. Throwing myself into the water to do this research required me to take on autobiographical paradigms. And assume your rhythm, which is what life imposes on me. As it is not possible to narrate in therhythm of life, it took a little bit of fiction to tell episodes of reality. The future project isto commit myself to sensitive listening and writing throughout my school career, as they inserted me in this work and closer to the things of life and profession.

Keywords: Chemistry teachers training. Formation narratives. Autobiographical approach.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Nó direito	28
Figura 2 – Vasculhando a casa de vidro	29
Figura 3 – A gestação do projeto	32
Figura 4 – Escola Estadual Machado de Assis-E.F, Itaúna do Sul, PR.....	36
Figura 5 – De olho na espiritualidade.....	40
Figura 6 - Meus passos na graduação.....	42
Figura 7 – Nó de pescador	54
Figura 8 – Nós e laços da constituição do ser docente	56
Figura 9 – O eu entre os nós.....	58
Figura 10 – Ser no mundo.....	63
Figura 11 - Falças.....	64

LISTA DE ABREVIATURAS

CAP/UEM	Colégio de Aplicação Pedagógica da Universidade Estadual de Maringá
CAOE/UEPG	Coordenadoria de Assistência e Orientação ao Estudante
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CEB's	Comunidade Eclesiais de Base
CPEQUI	Congresso Paranaense de Educação Química
ENEQ	Encontro Nacional de Ensino de Química
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
GEHFC	Grupo de Estudo de História e Filosofia da Ciência
IDJOVEM	Identidade Jovem
MBP/UEM	Museu da Bacia do Paraná
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência
PPGCEM	Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática
PPIFOR	Mestrado em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar
PROINÍCIO	Programa de Formação Inicial
PSS	Processo Seletivo Simplificado
SEED/PR	Secretária da Educação e do Esporte do Paraná
UEM	Universidade Estadual de Maringá

SUMÁRIO

1 PRIMEIRA CARTA: PRIMEIRAS PALAVRAS	11
2 SEGUNDA CARTA: SOBRE O TEMA DE PESQUISA	15
3 TERCEIRA CARTA – A CHEGADA AO MESTRADO	19
4 QUARTA CARTA – SOBRE O CAMINHO DE PESQUISA	22
5 QUINTA CARTA - NÓ DIREITO	28
5.1 Sobre a primeira viagem: o nascimento.....	28
5.2 Sobre a significação do projeto de pesquisa	31
5.3 Como me sinto em escrever a história?.....	33
5.4 Sobre o início da alfabetização.....	34
5.5 Sobre a mudança de Itaúna à Maringá.....	38
5.6 Sobre a busca da espiritualidade perdida.....	39
5.7 Sobre meus passos na graduação em Química-Licenciatura.....	41
5.8 Sobre o diário de bordo no contexto do PIBID-Química.....	45
5.9 O início da carreira docente	49
5.10 Sobre como li o tema morte	52
6 SEXTA CARTA - SOBRE O NÓ DE PESCADOR	54
7 SÉTIMA CARTA: UM OLHAR IMAGÉTICO DO SER DOCENTE DE QUÍMICA ...	57
8 OITAVA CARTA: AS FALÇAÇAS	64
8.1 A constituição do meu ser docente de Química.....	65
8.2 Os lugares que contribuíram para a constituição do meu ser docente	66
8.3 Reflexão sobre o trabalho docente sob o prisma da história de vida	68
9 NONA CARTA: A PARTIDA	70
REFERÊNCIAS	74
APÊNDICE A – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE HISTÓRIA DE VIDA	79
APÊNDICE B – DIÁRIO ÍNTIMO 2017-2020	83

1 PRIMEIRA CARTA: PRIMEIRAS PALAVRAS

Flávia à Adair, Josie, Leila e Bettina, saudações

Para quem quer se soltar invento o cais

Invento mais que a solidão me
dá Invento lua nova a clarear
Invento o amor e sei a dor de encontrar

Invento em mim o sonhador
Para quem quer me seguir eu quero mais
Tenho o caminho do que sempre quis
E um saveiro pronto pra partir

Invento o cais
E sei a vez de me lançar

Cais: Milton Nascimento e Ronaldo Bastos)

Não imaginava que a minha chegada a Ponta Grossa no ano 2017 me reservaria que inventar um cais e admito que meu comprometimento aumentou com o real sentido da vida, pois entendi de fato quais eram os outros contextos que estavam nessa linha divisória entre o nascimento e a morte. Portanto, não escolhi os temas dessa dissertação, eles se deram na minha caminhada como texto vivo, cuja preocupação não é com a verdade factual da história narrada, mas sim como a experiência passada se rearticula no presente e no projeto futuro¹.

Porém, a vida vivida é diferente de fazer da vida uma história. Fazê-la exige esforço para encontrar enredo e argumento para relacionar várias experiências². “Na história de vida, é contada a trajetória de vida pessoal e profissional, com múltiplas experiências, que em seus tempos e retrocessos - moldaram o itinerário de vida³. Dar sentido à história é muito difícil, por isso tenho gratidão, muita gratidão pelas professoras Leila Inês Follmann Freire e Bettina Heerdt por terem demasiadamente e incansavelmente entendido que a tarefa assumida de fazer essa escrita foi por

¹ A transformação do mundo necessita tanto do sonho quanto a indispensável autenticidade deste depende da lealdade de quem sonha às condições históricas, materiais, aos níveis de desenvolvimento tecnológico, científico do contexto do sonhador. Os sonhos são projetos pelos quais se luta. Sua realização não se verifica facilmente, em obstáculos.

² [...] una cosa es la vida vivida y outra hacer de la vida una historia, lo que exige un esfuerzo reflexivo para encontrar una trama, argumento o sentido que relacionen y enlacen las diversas experiencias, em un síntesis de lo heterogéneo como lo llama Ricouer[...] (BOLIVAR, 2012, p.37).

³ En la historia de vida se recuenta la trayectoria de vida personal y profesional, con múltiples experiencias, que em sus tiempos y contratiempos – han lajonado y configurado el itinerario de vida. Todo relato de vida es, el fondo, una búsqueda de sentido y una justificación razonable que conforme o ceustione la trayectoria de vida seguida (BOLIVAR, 2012, p.37).

demaissum lançar-me em águas desconhecidas. Narrar sobre o itinerário escolar da educação básica a superior me causou um tanto de medo e receio à medida que fazia o levantamento bibliográfico devido à ausência de pesquisas autobiográficas no processo de formação de professores de Química⁴.

A sugestão das professoras da banca e de minhas orientadoras em narrar em primeira pessoa originou uma escrita estruturada esteticamente em narrativas na forma de cartas. Sinto que a prática de escrever cartas na pesquisa acadêmica me alegrou profundamente porque resgato um estilo de escrita em que é possível me inserir como sujeito aprendente e como pesquisadora no processo de escrita⁵. Preciso também esclarecer que esse compilado de cartas me trouxe um acalento, uma abertura de interlocução com os primeiros leitores, cujo primeiro sou eu mesma. Sinto-me agora acompanhada. E satisfeita com uma estética da escrita que me distânciava de uma visão de neutralidade imposta pelos textos acadêmicos através da impessoalidade. Outro motivo é que nesta estética eu consigo a flexibilidade de resgatar trechos do Diário Íntimo e incorporar o texto A Construção do Corpo Biográfico que estava no apêndice B do texto de qualificação, mas agora introduzi na carta O Nó Direito. O compromisso que assumo enquanto enunciador no espaço de diálogo com o interlocutor presente é: a temática sobre a minha trajetória escolar da educação infantil à idade adulta (no mestrado).

As cartas são apenas uma síntese do que estudei, refleti, meditei, aprendi e escrevi do meu itinerário. Sobre coisas do passado, do presente e do futuro.

Outra coisa que não posso perder de vista nestas cartas a partir da evocação dos lugares memórias, são os laços e nós estabelecidos com os outros sujeitos partícipes das figuras de ligações desse texto histórico que estou narrando. Portanto, ainda que esta pesquisa se distânciava dos paradigmas convencionais de ciência, ela gira em torno de uma questão de pesquisa, um norteador que ao longo do processo estive sempre retomando para sanar as inquietações e me concentrar na atividade de

⁴ No apêndice A há um levantamento bibliográfico feito que reforça a carência de autobiografias na formação de professores de Química, apenas de outras áreas.

⁵ Na narrativa de si, como ato autopoiético, o autor vai construindo uma figura de si, no exato momento em que se anuncia como sujeito e se enuncia como autor de sua história (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011, p.381).

explicar: Como o experienciar diferentes lugares (experiência de vida) constituiu o ser docente de Química?

A experiência⁶ além de ser uma dinâmica pessoal é também social, cultural e contextual.

E por estar interligada em um processo de formação experiencial as ligações são (re)feitas. Assim, transforma-se a experiência, e, por isso, aprende-se. Sob essa perspectiva a aprendizagem da experiência adquire natureza formadora. E à medida que rememoramos as recordações existenciais que aprendemos experiencialmente das circunstâncias da vida, abstraímos momentos que influenciam a formação do caráter, da formação pessoal e profissional (JOSSO, 2002). Mas, é dos fatos destacados como formadores pelo sujeito que o reorienta a refletir sobre seu modo de pensar e de existir. Os fatos formadores são os “momentos charneira”, pois é a partir das vivências do cotidiano que é possível tecer sobre os temas fundantes da vida, e, portanto, transformá-los, como autor da própria história (JOSSO, 2010).

Desse modo, busquei como objetivo geral compreender como os diferentes laços existenciais contribuíram para a construção do ser docente de química que sou. Para elucidar a questão de pesquisa também formulei dois objetivos específicos. O primeiro foi de estabelecer relações entre os diferentes lugares que contribuíram para a constituição do ser docente de Química. E o segundo explicitar os laços criados e desatados na constituição do ser docente de química.

Concordo com a objeção das professoras Adair e Josie quanto à escrita de si apresentada na qualificação ser um desafio para publicação, porém os gêneros acadêmicos autobiográficos já estão consagrados na tradição da universidade brasileira na forma de gêneros como: ensaios biográficos, diários etnográficos, relatórios, cartas, portfólios... em que o foco é a escrita reflexiva sobre a formação (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011).

⁶ A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interpretação, um gesto quase é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte de encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2015, p. 25).

E para quem quer me seguir na escrita autobiográfica precisa de imaginação para inventar seu próprio caos para saber a vez de lançar e encontrar os nós e laços que dão o tecido social de sua história de vida e o itinerário escolar. No meu caso foi preciso lançar-me com meu próprio saveiro no mar com minhas memórias em busca do itinerário escolar. Porém, exigiu-me primeiramente o contato com o eu interior, o noturno de mulhersonhadora. O recolhimento me mostrou diferentes leituras o que me fez voltar a sonhar e a experienciar. Inventar em mim uma sonhadora foi o despertar da imaginação.

Escolhi para abrir e fechar o nó direito os temas demasiadamente filosóficos nascimento e morte, por que uma autobiografia nunca é um registro do que aconteceu, mas sim uma interpretação (variável dependendo do tempo) de nossa experiência (BOLIVAR, 2012). Portanto, os dois temas são apenas temas de uma interpretação. Assim, o evocar dos lugares e dos laços do itinerário escolar na narrativa emergiu uma dinâmica de existencialidade, de sentidos e experiências que compõem os autorretratos do percurso de vida. Foi caminhando que encontrei meu lugar. O lugar é o da própria narrativa a qual inaugura uma escrita primeira do projeto futuro, o primeiro projeto gestado no ninho do pássaro onírico, pois: “O ócio é o pássaro onírico a chocar o ovo da experiência” (BENJAMIM, 1969, p.10).

2 SEGUNDA CARTA: SOBRE O TEMA DA PESQUISA

À Adair, Josie, Leila, Bettina, Flávia, saudações

Ensinar porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2013. p.31).

Ingressei no mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática com um pré-projeto querendo investigar a prática docente dos professores da educação técnica de nível médio. À medida que fui elaborando o projeto de pesquisa algo me inquietava, mas não sabia bem o que era. A inquietação foi tomando forma. Minhas orientadoras Leila e Bettina diante das minhas angústias sugeriram de tarefa realizar o processo inverso. Que eu estruturasse um questionário e entrevistasse a mim mesma. Questões pautadas no que eu havia experienciado no cotidiano escolar. Uma das perguntas de pesquisa que emergiram desse processo lançou-me a questionar: Quais eram os conhecimentos que mobilizei em serviço na educação como professora? Qual é a minha história de vida e formação docente?

Deste processo inicial de perscrutar a mim mesma para elaborar um projeto de pesquisa sobre prática docente emergiu um processo de escuta interior. Escuta que naquele momento do mestrado me fez perceber que precisava investigar a minha história vida. Como simultaneamente ao mestrado estava desenvolvendo um trabalho de pesquisa na Especialização Métodos e Técnicas de Ensino na Universidade Aberta do Brasil (UAB), fiz o recorte de uma atividade e investiguei-me como trabalhei na educação técnica na Escola Estadual Enira Moraes Ribeiro de Paranavaí-PR. O trabalho final(monografia) intitulei de “Do tema mitificado ao tema concreto: um estudo de caso da prática docente”. Este trabalho foi fundamental para delinear o tema de pesquisa no mestrado, pois entendi que precisava investigar minha própria formação escolar. Assim, desse estudo da minha prática docente, que girava em torno de uma natureza crítico e libertadora delinee que o tema de pesquisa deveria ser investigar no mestrado os lugaresmemórias do percurso de escolarização da infância à vida adulta, até onde estou agora, no mestrado.

O lugar pode ser entendido sob o ângulo da experiência, dos valores, pelo fato do lugar encarnar “experiências e as aspirações das pessoas”, por isso mesmo que “o lugar não é um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sobre a perspectiva das pessoas que lhe dão significado” (TUAN, 1983, p. 70). Já o espaço pode vir a ser um lugar, desde que a ele seja conferido valor e significado, portanto, o lugar só o é, porque é experienciado (CORRÊA, 2005).

A experiência só acontece, porque o indivíduo tem a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Portanto, “experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele” (TUAN, 1983, p.10). Diferentemente do espaço geométrico, o espaço existencial (espaço antropológico) trata-se de um lugar de uma experiência de relação com o mundo de um ser essencialmente situado em relação com o meio, prevalecendo na supermodernidade como lugares de memória (AUGÉ, 2005).

Lancei-me aos anseios do passado, editando constantemente a memória almejando ser um ser histórico. Ser que reconhece a história alcançando um tempo de possibilidade e não de determinismo por ser problemático e não inexorável (FREIRE, 2013). Antes não me percebia assim, porque já havia perdido a natureza do tempo, o meu endereço na história. Neste sentido, ao assumir o tema de pesquisa principiiei um compromisso com a história de vida que me formou assim, tal como estou. Resvalando na história um sonho de projeto de vida de ser escritora. Desejo que floresceu na vida adulta simultaneamente escrita desse mestrado que havia se perdido no percurso escolar sem consciênciasobre minha existência.

Narro comprometida com minha trajetória formativa por seu um movimento gnosiológico primário e nevrálgico. Por que me coloco como sujeito histórico que me transforma por meio da escrita, sendo o ato de narrar a busca de conhecimentos que teci sobre mim, como me percebia na formação inicial e continuada e na prática profissional docente. Quando comecei a sonhar com uma sociedade justa e igualitária, comecei a meditar no silêncio que a justiça precisava começar a ser feita dentro no meu corpo: Esse corpo é um corpo vivencial e experiencial que trama e constitui nos limites território de autonomia como sujeito encarnado em uma linguagem, porém transformada (NAJMANOVICH, 2001).

Realmente me historicizar possibilitou-me descobrir que o indivíduo histórico que sou, filiado a ideologias, a perspectivas pedagógicas, filosóficas, teleológicas e

culturais que influenciaram-me a maneira como caminhei no mundo, toco-o e sou tocada por ele. Acessar a fonte das experiências que ligavam, me liga e me religam a essas ideologias movidas pela curiosidade epistêmica não só me revelou como também me transformou como pessoa e como profissional. A arte de narrar é a abertura de um horizonte. Por isso, o passado e o futuro são somente o horizonte aberto do presente⁷ (LARROSA, 2004, p. 15, tradução nossa).

Este trabalho é uma passagem de estado da ingenuidade à criticidade conforme assumi e assumo tarefas no tempo presente de recolher os lugares memórias e dar um devido tratamento. Um ato de presença no mundo não mais de adaptabilidade, mas de inserção na luta para não ser mais objeto e sim sujeito da história, “pois no “mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar”(FREIRE, 2013, p.20). As forças advêm dos lugares memórias das primeiras aulas do pré-escola, dos lugares que me ensinaram a me espiritualizar a construir uma ética do bem viver. Desobstruindo as linhas de fronteiras que eu mesma criei e que me impediam de realizar a tarefa histórica. A tarefa histórica é dizer eis-me aqui corporizada na narrativa.

E na atenção consciente que me reconheço como ser histórico inacabado no processo social de busca da produção do conhecimento da minha história de vida e formação. É esta coisa que me leva, que me desperta e me torna um ser educável.

Ao longo da pesquisa ancorei-me no dever do início ao fim a indagar-me constantemente por que de o tema central ser sobre minha trajetória escolar. Ao fazer assim, a pesquisa vai exercendo sobre mim seu poder de transmutação das memórias retroalimentando o processo que aparentemente não tem fim. Como de fato não tem. Nem almejo um fim, apenas de construir os primeiros fios da trama desta história⁸. O fato que construir a trama é dar os sentidos emergenciais para alguns contextos, pois o “o sujeito encarnado não pode estar em todos os lados ao mesmo tempo” e, portanto, só pode conhecer em, um contexto específico, e seu conhecimento se

⁷ El presente de la consciencia es un momento significativo en el tiempo de nuestras vidas, un momento en el que se abre para nosotros un horizonte temporal significativo. El present es la apertura de un horizonte temporal. Por eso, el pasado y el futuro em tanto que nuestros sólo son significativos desde el horizonte abierto em el presente (LARROSA, 20004, p. 15).

⁸ La narrativa no es el lugar de irrupción de la subjetividade, sino la modalidad discursiva que establece la posición del sujeto y las reglas autocomprensión dpenderá de nuestra participación em redes de comunicación donde se producen, se interpretan y se median historias (LARROSA, 2004, p. 19).

estrutura em uma linguagem determinada de experiências existenciais (NAJMANOVICH, 2001, p.23). E, portanto, a sustentação de um novo projeto de vida com menos determinismos e mais presença.

Se me senti insignificante no início do trabalho em narrar a minha história de vida, foi porque estava sendo egoísta por pensar que este texto deveria ser escrito somente por minhas mãos. Agora, algo floresce dentro de mim, porque as múltiplas mãos exigem de mim a presença para também participar da história que não é somente minha. É em favor e devoção ao projeto da escola que faz justiça social que também me vivifica, por isso me investigo. Escola com projeto que intervém na realidade e sem medo. E ainda que pareça ultrapassado dizer ainda vivemos um novo ciclo em que a alfabetização científica deve estar à serviço da formação do humano no espaço pedagógico, político, econômico e social. Por isso, que o espaço escolar é um dos lugares “para ser constantemente lido, interpretado, escrito e reescrito” para concretizar o projeto da escola libertadora (FREIRE, 2013, p. 95).

O que eu sou na história? Apenas o veículo do projeto da escola. Narrar a minha história através do meu percurso escolar resgatando os laços e nós é uma tarefa histórica de suma responsabilidade social e política.

Não represento a história, sou parte dela no passado no presente e no futuro o veículo do projeto escolar, em que o desafio tomar consciência como nos formamos por meio do conjunto de experiências e a partir daí encarar o itinerário de vida combinando constrangimentos e margens de liberdade (JOSSO, 2012, p.22).

As narrativas são apenas um método de abertura para novos horizontes compreendidos com o projeto escolar. Rememorar a trajetória escolar foi apenas a via de acesso a ele. Mas, para acessá-lo no caminho de pesquisa foi preciso diluir egoísmo, individualismo, ódio, ganância e outros sentimentos baixos. Para cada vez mais me conscientizar de que a história se faz na participação com lucidez de que as dificuldades precisam ser enfrentadas no domínio econômico, social, cultural e tecnológico interligado no processo permanente em busca da libertação (FREIRE, 1982). Assumi a tarefa de narrar a minha história de vida e formação comprometida com a tarefa de escrevê-la refazendo a sociedade, refazendo primeiramente a mim mesma.

3 TERCEIRA CARTA: A CHEGADA AO MESTRADO

À Adair, Josie, Leila e Bettina, Flávia, saudações

'O corpo sem saber por onde ia, sentiu um frio na espinha, da lembrança do inverno dos Campos Gerais. Aqui, na cidade perdida, pouco visitada pelos amigos; ouvindo a sinfonia 'As quatro estações' de Vivaldi, notou redemoinhos de vento, que davam acesso aos diferentes lugares da casa. Mas, se estranhou no pôr do sol do dia seguinte, na velhinha, apressada questionando por que o céu era tão vasto? Ao som dos pássaros lá ia, trincando de frio os pés e a face enrugada, em busca de seu mundo ainda não desbravado'. (Diário íntimo).

Vocês devem estar se perguntando por que me mudei para Ponta Grossa? E o que me levou a ingressar no PPGECM? Essas duas questões demonstram que muitas vezes o meu itinerário escolar e o profissional estiveram mais regidos por forças externas e determinantes com pouca margem de liberdade. Conhecer-las, agora mais de perto tem sido um ato de liberdade. Será que é possível vencê-las no futuro? Não sei. Mas, meus passos serão dados com outra cosmovisão sobre a vida. Penso que em algumas decisões da vida disse não para a força do Capitalismo, todavia a situação piorou. Mas, se assumi o projeto de escola libertadora, cabe a mim fazer a crítica a minha condição de trabalho e de estudante que a princípio seguia o fluxo forçadamente capturando a situação caótica do que é ser professor no Paraná, sem condições trabalho ou estabilidade. Esse entendimento se fez presente no ano de 2015 recém-graduada em Química – Licenciatura pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), o cenário estava totalmente desfavorável. Os professores do Paraná enfrentavam uma greve geral curta, porém, agressiva por parte do governador do Estado. Diante de vários cortes, isso me impossibilitou inserir na escola pública básica em Maringá/PR, fiquei desempregada. A saída que encontrei foi de buscar pelas cidades mais próximas que necessitavam de professores de Química. Levei um ano de muito planejamento para conseguir aulas na escola pública. Simultaneamente a espera, a luta pela sobrevivência veio do subemprego em uma pizzaria e como tutora à distância da Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS no curso *Pesquisar na Escola* voltado para a formação continuada de professores da educação básica.

Enquanto, isso meu cônjuge Bergerson Van Hallen Vieira da Silva cursava o Mestrado em Física na Universidade Estadual de Maringá, na linha de pesquisa de Cristais Líquidos sob a orientação do prof. Dr. Luiz Roberto Evangelista e sob a coorientação do prof. Dr. Rodolfo Teixeira de Souza na Universidade Estadual de Maringá.

Com o propósito de continuar os estudos e inserir no mercado de trabalho encontrei na cidade de Paranavaí, no noroeste do Paraná, próximo a Maringá duas grandes oportunidades. Havia no ano de 2014 a 2015 uma carência de professores de Química nas escolas públicas desta cidade. Um caminho para o meu início na carreira docente e no mestrado pelo edital de seleção do Mestrado em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar (PPIFOR) da Universidade do Noroeste do Paraná (UNESPAR) a possibilidade de continuar a formação profissional docente.

Assim, no ano de 2016 ingressei no Mestrado em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar (PPIFOR) e fui contratada temporariamente pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná (SEED-PR), por meio do Processo Seletivo Simplificado do Paraná (PSS). Porém, para minha surpresa somente as aulas da educação técnica de nível médio estavam disponíveis na distribuição de aulas, sendo que a expectativa era o ensino médio e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). No final do ano 2016 após um ano veio a rescisão de contrato com a SEED-PR. A saída que encontrei foi migrar com o meu cônjuge para Ponta Grossa. Tendo visto, que, ele passará no processo de seleção de doutorado em Astronomia, no Programa de Pós-Graduação em Ciências/Física, na UEPG. E na mesma instituição tomei conhecimento da abertura do PPGECEM, para o qual prestei exame no início do ano de 2017, pois estava desempregada. No entanto, concomitantemente ao resultado de aprovação, para ingressar no PPGECEM, também fui aprovada a cursar a Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino pela Universidade Aberta do Brasil (UAB), polo de Paranavaí. Consciente da onda de desemprego e das ameaças de privatização da universidade pública, mantive o vínculo com a cidade de Paranavaí, abraçando as duas formações. Sem bolsa de assistência estudantil, agradeço ao cadastro único – CadÚnico do Ministério de Desenvolvimento Social, pois obtive dois auxílios fundamentais para a sobrevivência: a Identidade Jovem – ID jovem e a assistência estudantil para a alimentação no restaurante universitário concedido pela Coordenadoria de Assistência e Orientação ao Estudante – CAOÉ da UEPG.

Auxílios, que nos ajudaram a suprir as necessidades básicas com a bolsa de doutorado de meu esposo. Auxílios fundamentais, principalmente, no segundo semestre de 2017, em que por seis meses Van Hallen necessitou se deslocar de Ponta Grossa ao Rio de Janeiro, arcando com todas as despesas de transporte na cidade do Rio de Janeiro, alimentação, moradia e outras. Sob um único objetivo, cursar disciplinas fundamentais para complementar a formação no Observatório Nacional do Rio de Janeiro e no Observatório do Valongo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que a presente instituição pública não dispusera. E, assim, de modo “meritocrático” alcançar não somente o título de doutor, mas acima de tudo, a excelência, o conhecimento e a competência. Todos que conosco sonharam, para que chegássemos até aqui e ter a possibilidade de lhes contar os obstáculos superados, pode-se dizer, que a luta contínua.

4 QUARTA CARTA: SOBRE O CAMINHO DE PESQUISA

À Adair, Josie, Leila e Bettina, Flávia, saudações

VANDALISMO

Meu coração tem catedrais imensas,
Templos de priscas e longínquas datas,
Onde um nune de amor, em serenatas,
Canta a aleluia virginal das crenças.

Na ogiva fúlgida e nas colonatas
Vertem lustrais irradiações intensas,
Cintilações de lâmpadas suspensas,
E as ametistas e os florões e as pratas.

Como os velhos Templários medievais,
Entrei um dia nessas catedrais
E nesses templos claros e risonhos...

E erguendo os gládios e brandindo as hastas,
No desespero dos iconoclastas
Quebrei a Imagem dos meus próprios sonhos!

Pau d'Arco, 1904⁹

Depois da qualificação fiquei pensando que precisava rever com mais cuidado o caminho de pesquisa. Os trilhos sob os quais percorri nesta pesquisa autobiográfica ainda não cessaram. Estou sob eles me deslizando na releitura e escrita desse caminho. Mas, adianto que esse caminho não é um caminho convencional e tão pouco linear. Se falo caminho é para torna-lo mais concreto. Porém, o movimento é de muitas idas e vindas por lugares interiores das memórias do passado no presente. Em alguns momentos caminhei por meu deserto interior, em outras naveguei com meu saveiro flutuando entre moléculas de água e sais, o mar da minha existência, em outras mergulhei no mar, em outras bebi, perscrutei, como também sonhei e me perdi dentro da casa (o meu corpo). Os lugares que me envolvem é de onde trago as referências que me guiam no meu modo de existir, ou de onde me perdi no labirinto da memória. Por muitas vezes, no caminho de volta, encontrei coisas, que fiz questão de eliminar com a espada que carregava junto ao meu peito. Outras coisas, limpei e guardei dentro do lugar mais puro que tinha, o meu coração. Passei por florestas escuras e pântanos, vi o que fiz de mim e o que não fiz. Confrontei com medos e hábitos. Mas, não desisti. Se descí no profundo e o profundo subiu até a

⁹ Poema de Augusto dos Anjos, publicado no livro *Eu* (1912). Acessado na obra: REIS, Zenir Campos. **Augusto dos Anjos**: poesia e prosa. São Paulo: Ática, 1977. p.129.

superfície da consciência, então tenho que escrever o que de fato me aconteceu e o que almejo fazer a partir daqui.

Organizar minhas memórias em acontecimentos e episódios da minha história de vida escolar foge realmente dos cânones da ciência em todos os gêneros. Trata-se de uma tarefa que rompe com fronteiras disciplinares, porque não dá para se investigar só por uma perspectiva disciplinar. É preciso muita leitura para transitar por terrenos do humano, por isso precisei durante todo o tempo me debruçar sobre conteúdos de história, filosofia, literatura, arte, ciências... Afinal, o ser humano é complexo, sem essas leituras auxiliaadoras não daria para fazer essa pesquisa autobiográfica. Visto que ao fazer esta pesquisa qualitativa o meu comprometimento era profundamente com a formação do humano, com o meu eu humano. Me fiar de humanidade não é o melhor produto que posso dar à sociedade e à educação? Não serei eu que terei a tarefa de formar outros indivíduos? Como posso fazer isso, se nem eu mesma posso resolver meus conflitos, superar medos, fraquezas ou conhecer minha própria história?

Ao longo do mestrado mudei de projeto, formulei e reformulei as questões de pesquisa para que estivessem em harmonia com os diferentes pontos de vista e interrogações que emergiam em mim enquanto sujeito aprendente e simultaneamente investigador das minhas memórias. Memórias que foram constituídas de diferentes realidades e contextos.

Narro minhas experiências de vida, pois valorizo nelas a origem do conhecimento de mundo que tenho, que me permite perscrutar o mundo, mas agora sob outra disciplina a do corpo em silêncio. Tentando alcançar no profundo silêncio em sono até tocar mesmo que por alguns segundos o si mesmo, a essência (TOLLE, 2010). Estar presente em si no tempo presente é fundamental para aprender e manter uma constância com questionamentos, reflexões e de atenção aos acontecimentos que nos afeta para criar o autoconhecimento.

Intitulo este processo de pesquisa de (auto)formação docente por me exigir tomar consciência da minha própria história escolar, desenvolver habilidades e competências, dentre elas a de uma escrita narrativa para apreender no plano concreto, ideias, sonhos, pensamentos, experiências, acontecimentos, e organizar algo que se diz o itinerário de uma história. As barreiras na escrita a princípio se apresentaram como intransponíveis. Sem saber como, o processo de narrar aconteceu

na memória, a ilha de edição¹⁰. Várias vezes recontando-me o mesmo fato que julgava importante narrar. Mas, quando me direcionava para a escrita tudo se dissipava e parecia que tudo que estava fazendo era em vão. Só tenho a dizer que esse trabalho me ensinou o que muitos escritores aconselham a quem quer se meter nesse ramo. Só se aprende a escrever escrevendo. E eu entendi que só se aprende a narrar narrando. Porém, o texto precisa estar pronto para narrar. Eu penso que o tempo que levei para deitar sobre as memórias, sobre as palavras e elas sobre mim, foram fundamentais para organizá-las em um texto possível de narrar. As primeiras tentativas tenho que admitir que senti raiva, portanto rasguei páginas e recomecei sem medo. Lá pras tantas entradas e saídas equivocadas germinei um texto narrativo que decidi abraçá-lo no meu sono para refigurá-lo. Este texto é o Diário Íntimo (apêndice A). O que posso dizer desta narrativa, é que ela se estrutura numa linguagem caótica, simbólica, metafórica e poética. O conteúdo do texto é também ficcional, diria que com uma tônica de alegoria do ser da mulher (essa mulher sou eu mesma) que não (re)conheci e que tinha tantas coisas a dizer, mas não tinha espaço ou palavras, modos de como expressar-se.

Nesse sentido, o Diário Íntimo é uma figuração do movimento do meu corpo por entre as veredas interrogativas do mundo que me construí. E nesta figuração, o texto revela o meu corpo a partir de recursos simbólicos, em que a cada símbolo uma entrada, um universo de sentidos a serem compreendidos, interpretados. Diria que o Diário é um texto repleto de portas a serem abertas para me investigar.

Abri algumas portas e em uma ilha de edição voltei naqueles lugares memórias, buscando garimpar a fonte das coisas que aconteceram em mim. Desse trabalho foi emergindo um outro texto que intitulei de “A construção do corpo biográfico” que no texto de qualificação apareceu como apêndice B e agora

¹⁰ O entendimento é no sentido da carta aberta escrita por Waly Salomão (1996) a John Ashbery na obra “Algaravias: câmaras de ecos”:

A memória é uma ilha de edição – um qualquer
passante diz, em um estilo nonchalant,
e imediatamente apaga a tecla e também
o sentido do que queria dizer.
Esgotado o eu, resta o espanto do mundo não ser
levado junto de roldão. Onde e
como armazenar a cor de cada instante? Que traço reter
da translúcida aurora?
Incinerar o lenho seco das amizades esturricadas?
O perfume, acaso, daquela rosa desbotada?

reorganizado nas Cartas do Nó Direito. A este segundo texto que se configurou como um movimento de busca de compreensão do primeiro chamo-o de processo de configuração. Que ainda não podiaser o texto final, pois muitas coisas me escapavam a compreensão. O texto final é a refiguração, estas páginas que escrevo debruçada sobre o meu corpo, figurado no Diário Íntimo e configurado no texto “A construção do corpo biográfico”. Reedito não só uma história, mas todo o processo de organização dos lugares memórias que quero no final do trabalho. Quando releio os dois primeiros textos almejo dar sentido e beleza para o que me saltam aos olhos de episódios da minha história escolar. Instantes de experiências de vida em diferentes contextos e realidades que despertaram em mim percepções sobre novos mundos. Invocarei a partir desses lugares memórias as percepções que tenho sobre mim e alguns fatos do cotidiano da vida da escolarização para revelar os disparadores das experiências existenciais.

A questão de pesquisa e os objetivos lançaram-me em um processo em que precisei “lançar à água” para aprender a nadar (JOSSO, 2002, p.87). Estas águas são as águas do oceano interior em que naveguei solitariamente, mas transitando por um coletivo que me habitava. É neste coletivo que me encontro nas experiências de leituras, encontros e desencontros que vivi. Responsáveis pelas lembranças existenciais, o cerne dos laços e nós atados e desatados ao longo da trajetória escolar. Navegar neste oceano impôs-me uma outra lógica de ver a história de vida. Exigiu-me romper com a ideia de umatemporalidade cronológica. Porque os acontecimentos não são lembrados dentro de uma lógica temporal em que acontece a vida. É outra dinâmica. A lógica que se impõe é das emoções, das percepções as coisas encontradas que suscitam um texto que até então não eram conscientes. Mas, isso não significa que a razão seja desconsiderada, muito pelo contrário ela esteve e está presente, porém dentro das suas limitações. Esta dinâmica podemos notar na figuração do texto do Diário Íntimo, que impõe as dificuldades de interpretação e atribuição de sentidos pelos seguintes motivos: 1) por mais que a pesquisa exija uma temática central, a lógica da vida é contrária e 2) como ela se dá em diferentes contextos, não há uma permanência da temática (NAJMANOVICH, 2001). Portanto, conciliar os diferentes contextos de vida em torno da temática central – as memórias da infância à vida adulta fazendo o percurso de escolarização – foi um desafio posto para a execução do trabalho.

Outro desafio que enfrentei no trabalho foi o de significação das ideias psicológicas do texto do Diário Íntimo. Visto que a linguagem poética me lançou em lugares e não-lugares que de certa forma estavam me endereçando na história. Porém, um texto que me figurava a consciência em imagens coadunando em um projeto de vida. Imagens adormecidas no corpo e que vieram à tona. Entendo que a imagem do projeto emergiu à consciência como um produto direto do coração (BACHELARD, 1993). Neste sentido, a imagem poética é simultaneamente um devir de expressão criado no meu ser dando passagem a meu ser falante. Repercutindo uma escrita repleta de sentimentalismos e recordações do passado, cuja vivacidade do texto é a vitalidade do ser falante que nasce na arte da escrita, com os textos das caminhadas desenhados em meu corpo. Isto, me leva a crer que a narrativa autobiográfica se inaugurou na imprevisibilidade da palavra dando a figuração do Diário Íntimo. E, por conseguinte, um fenômeno de liberdade, pois eu enquanto sujeito falante só pude acessar o espaço poético de minha vida, porque me entreguei sem reservas ao trabalho. Trabalho de descoberta interior que não atinge a compreensão, por não ser definitiva, sim um sempre vir-a-ser (MORAES; GALIAZZI, 2016).

Esta carta sobre o caminho da pesquisa é parte do produto da compilação do ir e vir de (re)leituras em dialogicidade permanente, porém sinto informá-las que não é possível entregar-lhes todas as etapas do processo de pesquisa. Eu não tenho dimensão do todo em que me passou durante esta pesquisa. Tenho apenas algumas percepções interiores e outras exteriores que estavam mais no âmbito da razão.

Como caminho de pesquisa racionalizado posso compartilhar que as narrativas do Diário foram dissolvidas e organizadas a partir das questões indutoras (PASSEGI, 2011)

A primeira questão indutora – “Que experiências marcaram a minha vida intelectual e profissional” – auxiliou a resgatar as lembranças. A segunda – “O que essas experiências fizeram comigo?” – lançou-me em um movimento de reflexão sobre estas experiências intelectuais e profissionais na trajetória escolar. A terceira – “O que faço agora com o que isso me fez?” – no processo de compreensão da construção da história, ajudou a dar forma e sentido à narrativa de vida projetando-me para um projeto futuro¹¹. Mas, além destas questões visualizei o tecido social da

¹¹ Questões indutoras de Passegi foram formuladas a partir da tríplice mimese (figuração, configuração e refiguração) de Paul Ricoeur. A figuração é a posteriori, depois da primeira efabulação

minha história de vida a partir do prisma do artigo “As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras” (JOSSO, 2006). Esse referencial me ajudou a refletir que a vida como é tecida de laços existenciais, os elos da história acabam sendo tramados de modo imperceptível. E ao tentar tomar consciência desses laços e nós os acontecimentos se mostram muito difusos e pouco nítidos. Por isso, que acessar os elos da história requereu-me como sujeito e paciente da história uma compreensão crítica em rede das significações (FREIRE, 1982). A partir das figuras de ligação sistematizei a narrativa em três partes.

Na primeira parte fiz o nó de direito. Fazê-lo significou procurar todos os acontecimentos que faziam sentido naquele momento para traçar um itinerário escolar evocando todos os laços existenciais atrelados aos seus respectivos nós.

Na segunda parte fiz o nó de pescador. Fazê-lo significou amarrar todas os nós e laços que apresentavam semelhança e recorrência.

Na terceira e última parte fiz as falçaças. Fazer as falçaças foi reunir todos os fios da história para dar sustentação ao tecido social em uma narrativa dita de reflexão biográfica sustentada em uma prática reflexiva e crítica de autoformação. Configurando-se em um trabalho autobiográfico também de experiência formadora, pois desvelou-me o que sou no presente, a partir das memórias resgatadas do passado. Prática que reforçou meu espaço enquanto sujeito consciencial mais atenta, curiosa e observadora ao que me passou e me passa nas caminhadas da vida.

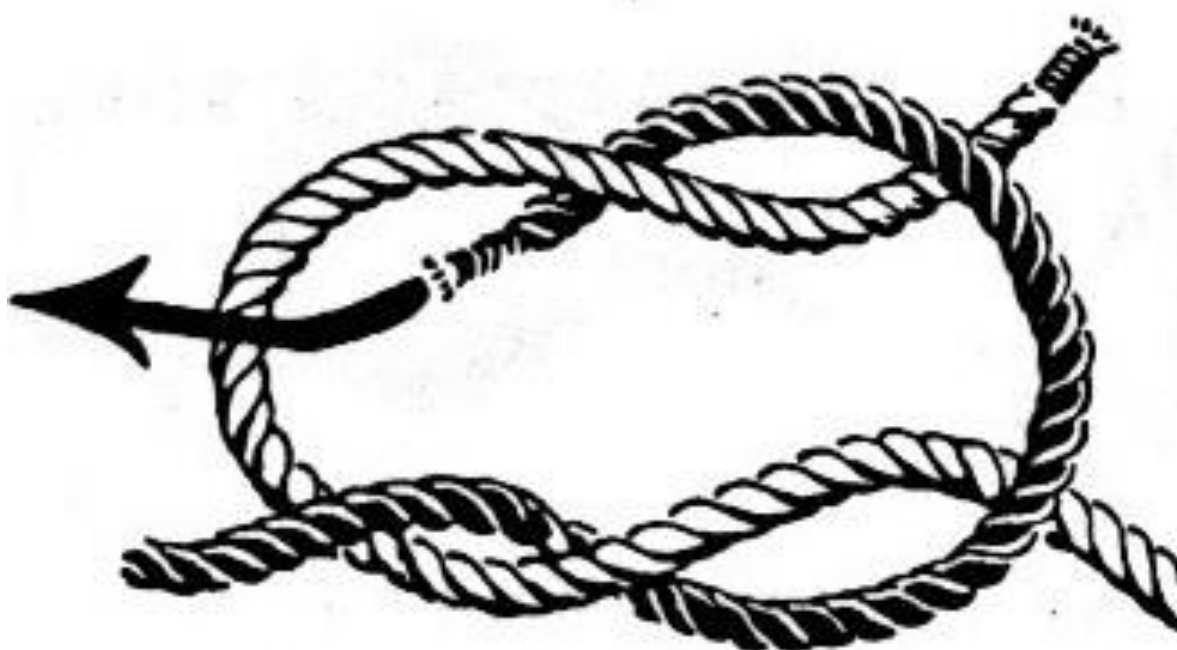
ao vislumbrar signos pelo emissor. O emissor apreende estes signos e os repete, apalpando o seu enunciado. O evento, ou acontecimento é reconhecível devido a sua intensidade. O sentido é difícil de apreender o significado das palavras no sentido lógico de uma proposição. Esta dificuldade é ao mesmo tempo imperiosa, pois o jogo cênico, ao investimento do corpo, de objetos, do espaço e do tempo de valores, eles também, ainda bastante aleatórios, ou aparentemente caóticos. Eles terão, pela cena, uma primeira configuração. As refigurações de Ricoeur são o espaço do receptor. As repetições da cena, ou da efabulação, ainda são anteriores à participação do receptor externo. O primeiro receptor de fato é, como já disse, o próprio enunciador, que busca sentidos, signos, imagens, gestos, palavras, linhas, movimentos em meio ao caos de intensidades (SPERBER, 2011).

5 QUINTA CARTA: NÓ DIREITO

À Adair, Josie, Leila e Bettina, Flávia, saudações

O que farei agora é juntar todos os laços cheios de nós e acontecimentos na forma de um ponto corrente (dando nós frouxos) daquilo que faz sentido ao meu entendimento.

Figura 1 - Nó direito



Nó direito

Fonte: RIBEIRO, Danilo Chagas. **Porque um site náutico tem que ter nós.** Nó direito. Disponível em: <https://acervo.popa.com.br/docs/tecnicas/nos.htm>. Acesso em: 17 dez. 2020.

E apresentarei reorganizados conforme seus diferentes contextos: a) nascimento; b) projeto; c) alfabetização; d) ruptura social; e) espiritualidade; f) graduação; g) PIBID; g) início carreira docente e h) morte.

5.1 Sobre a primeira viagem: o nascimento

À Helen, Flávia, saudações

Figura 2 - Vasculhando a casa de vidro



Fonte: A autora.

Hoje é dia 28 de janeiro de 2020, a chuva escorre pela minha janela e o entendimento também de um grande ato, do dia 05 de janeiro de 2019, quando descemos serra e atravessamos de barco o mar e chegamos à Ilha do Mel (litoral paranaense). Determinada estava eu em pôr em prática a leitura do conto “A mulher e o mar” (CLARICE, 1998). Nos braços das águas do útero da mãe terra (o mar) refiz a minha primeira viagem a do meu nascimento. Neste espaço pratiquei uma experiência jubilosa e em silêncio da memória da minha primeira infância. Banhada de emoção, choro e alegria de ter a primeira percepção do reconhecimento de mim mesma em relação com o outro, o mar partejou-me. Como de fato, pude constatar mesmo a princípio sem compreender o que me passava, mas sentindo um turbilhão de sensações memoráveis, pois “todo relato volta à infância” (AUGÉ, 2005, p.79).

Expressar meu ser de carne é aceitar o desafio de buscar-me nos diferentes nós da corda histórica. As confrontações da vida cotidiana me expõem aos leitores. Até aqui me confrontei em sonho ainda criança ansiosa por ser escritora. Muitas vezes, me pusei em silêncio para alcançar a compreensão do que é mais profundo em

mim, a minha essência. Estou reescrevendo todo o corpo biográfico falado e já escrito. Está experiênciame coloca em contato com tantos seres que me habitam. Busco subir e descer a Serra daVida para aprender a ser, aprendendo a escutar. A primeira subida foi para aprender a nascer.

Da leitura de Clarice, captei de sua descrição e reflexão de fazer de um simples ato, o de entrar no mar a minha ritualística de (re)nascer. Com a praia vazia, sentei-me nabeirinha e senti medo, então me apeguei em duas mãos, a do meu esposo e a sua minha querida amiga. Sem compreenderem o que me passava, apoiaram-me em silêncio, pois era um momento único e especial que eu estava vivendo novamente. No retorno me senti novíssima, renovada e teci uma reflexão que intitulei de “Elementos da cosmovisão da mulher no mar” que descrevem o que senti com a atividade, considerando que nem tudo que vivi é dizível pelas palavras.

O meu nascimento é simbólico. Nele inaugura-se o nó de atracação ou de cabestan¹² que intitulo de ponto de partida que revelam os primeiros laços que constituem o meu pensar e agir. Não é possível dizer o que existe antes do nascimento e tão pouco depois da morte, mas é bem verdade que emergir à consciência esse acontecimento significou para mim uma experiência. A ritualística de sentar-me nas bordas das águas do Oceano Atlântico, pois o ser do mar se interpenetrou em mim e o meu ser nele. Rompi em choro e minha alma purificou-se. Essa viagem primeira é solitária. É o encontro de almas. E simultaneamente simbolicamente a saída da placenta tendo que aprender a caminhar.

A descrição feita por mim é apenas o efeito captado por meus sentidos, deste lugar desconhecido que busco uma identificação, um convite a uma escrita poética de um fato retirado do laboratório da vida. O corpo torna-se escrita. Aprendi com ele e com o que senti, que, a construção da identidade e da “presença a si” passa pela experimentação da relação com o corpo, bem como na interação com o outro (o mar),

¹² Ao evocarmos o “nó de atracação” ficamos sensíveis as nossas memórias passadas e elas nos revelam quais são os laços que constituíram o que somos hoje. Da trama que somos as nossas origens aparecem nos “laços de parentesco”, que, herdamos desde o nosso nascimento. Também evidenciam-se os “laços de aliança” (o casamento, a família que constituímos, os nossos filhos). Laços que são preservados por meio de “laços de lealdade e de fidelidade”. Mas, sempre temos algo a contar sobre nossas origens, que podese a imigração ou migração de avós de um estado (ou país) por motivos como a seca; ou a história de nossos bisavós que são descendentes de uma época de escravidão ou de genocídio como no caso dos judeus. Ao lembrar estas histórias evocamos nas narrativas “laços transgeracionais”, que, de certa forma nos endereçam na história que praticamos no presente (JOSSO, 2006, p.377).

levando-me a perceber de outra maneira o sentido de minha existencialidade. Neste processo aprendi a silenciar o racional para sondar-me e estabelecer um elo de ligação com minha interioridade. Um meio pedagógico que me abriu possibilidades de inspecionar e analisar meu estado interior no processo de aprendizagem da percepção do corpo físico (soma) e da cognição (psique). A mobilização da atenção consciente ativada na atividade cedeu espaço a auto-observação de uma vida até então não explorada por mim. Que só foi apreendida na atividade ao estimular um silêncio, assim perscrutando meu próprio corpo e os meus pensamentos. Gerando um estado de profundidade, uma intimidade desencadeadora de um diálogo comigo mesma, provedora de uma mudança concreta no meu modo de perceber a vida. A profundidade lançou-me em um espaço de percepção e pertencimento ao meu corpo, harmonização do soma com a psique eclodindo em mim um estado de presença em si reinando um estado de graça e de plenitude jamais vivido antes. A sensação é de uma relação renovada com o tempo, que se transmite na gostosura de estar comigo mesma, descobrindo-me. Alcançar este estado de espírito enriquece as relações intrapessoais dos sujeitos aprendentes, pois tendem a estabelecer relações com menos expectativas. Além disso, o sentimento de existir gerou-me um equilíbrio identitário, porque a afirmação de si remeteu-me a condição de um sujeito autônomo que passou a lidar com as margens situacionais de interações com as pessoas em seus diferentes contextos de maior ou menor amplitude de problematidade no controle das emoções (BOIS, 2008).

Este traçado do meu primeiro itinerário de viagem, um lugar (re)visitado impresso nas memórias de meu corpo, mobilizou em mim aprendizagens como a autonomia e a sensibilidade para acessar outros lugares. Esta experiência com o meu corpo me proporcionou a abertura para alguns fatos da minha infância, que a princípio pareciam tão distantes, mas que ao desatar o nó do meu itinerário escolar visualizei os elos de ligação que me deram forma.

5.2 Sobre a significação do projeto de pesquisa

À Adair, Josie, Leila e Bettina, saudações

Mal entramos no sono e o espaço se amortece e adormece — adormece um pouco antes de nós mesmos, perdendo suas fibras e seus liames, perdendo suas forças de estrutura, suas coerências geométricas. O espaço

onde vamos viver nossas horas noturnas não possui mais lonjura. É a síntese muito próxima das coisas e de nós mesmos. Ao sonhar com um objeto, entramos nesse objeto como em uma concha. Nosso espaço onírico tem sempre um coeficiente central. Algumas vezes, em nossos sonhos de vôo, acreditamos ir bem alto, mas somos então apenas um pouco de matéria volante. E os céus que escalamos são céus inteiramente interiores — desejos, esperanças, orgulhos. Ficamos demasiadamente espantados com a extraordinária viagem para fazer dela uma ocasião de espetáculo. Permanecemos o próprio centro de nossa experiência onírica. Se um astro brilha, é aquele que dorme que se estrela: um pequeno brilho sobre a retina adormecida desenha; uma efêmera constelação, evoca a confusa lembrança de uma noite estrelada. (BACHELARD, 1994, p.94).

Figura 3 - A gestação do projeto



Fonte: A autora.

A situação que passo nessa dissertação é semelhante à descrita por Alves. O corpo se altera diante das memórias da infância, pois ficamos divididos entre as coisas da alma, as coisas do passado e outras que parecem efêmeras¹³. No meu caso, as

¹³ [...] um místico chamado Ângelus Silésius e conta que temos dois olhos. Com um vemos as coisas do tempo, efêmeras, que desaparecem. Com o outro vemos as coisas da alma eternas que permanecem [...]. Quando as recordamos, o corpo se altera: chora, ri, brinca, sente saudades, medo, quer voltar – às vezes para pegar no colo aquela criança amedrontada. E nem sabemos se foi daquele jeito mesmo ou se o recordado é uma fantasia [...] (ALVES, 2003, p.137-138, *apud* BOMFIM, 2015, p.12).

minhas memórias é como se estivessem dentro da minha casa, a casa que Bachelard investiga na obra a “Poética do espaço”. Em sonho avistei no criado-mudo do meu quarto, nos arquivos mortos, cheios de pastas empoeiradas os sonhos de infância, em aprender o ato de escrita de me tornar uma escritora, a compreensão do autorretrato o projeto futuro da vida. Lá, estava o projeto, os objetivos da alma esquecidos distantes dos afazeres da vida. Por isso, que compreendi que a agonia do fio condutor da narrativa foi em direção ao noturno. Em sonho havia um pedido de socorro de uma menina. Ao me ver assustada, diante da ponte quebrada, e por ser inexperiente na arte da escrita, a segurança veio de ter alguém segurando a minha mão, na travessia do rio das memórias que surgiam. Portanto, interpelei-me: “Mas quem era, se na penumbra a face escondia?” (Diário íntimo). A ele dirigi-me, pedindo que sussurrasse o poema, a imagem poética da lembrança essencial da minha vida. Na estrada o ódio secou por tanto tempo perdido, e, ao longo do processo encaixei o quebra-cabeça, compreendendo no sussurro as palavras de entrada a obra familiar, que me sensibilizou diante da água salgada que me deu vida. O alimento que necessitava para no aniversário de Páscoa, ressuscitar e vir-a-ser, sendo no processo de escrita¹⁴.

Mas, senti-me desafiada na escrita, no processo de busca de si e de nós nos diferentes nós da corda histórica, para expressar as outras dimensões do meu ser de Carne. Diante das confrontações da vida cotidiana me concentrei nas potencialidades do texto do Diário íntimo.

5.3 Como me sinto em escrever a história?

À Adair, Josie, Leila e Bettina, Flávia, saudações

¹⁴ Evidentemente, também não menos importante as outras dimensões auxiliadoras: o ser de sensibilidades, o ser de emoções, o ser de afetividade e o ser de cognição e de memória expressam os sentidos dos narradores: a) o ser de afetividade e de emoções: (valorizações, medos, apegos, dependências, raivas, rancores, preocupações, alegrias, satisfações, etc); b) ser de sensação: tudo o que tenho acesso pelos meus sentidos; c) ser de cognição: conhecer suas competências profissionais e suas habilidades para saber: falar, trocar informações, saber dialogar, saber fazer perguntas, saber informar-se, saber aprender e aprender-se; d) ser de ação: todas as minhas habilidades físicas, sociais, relacionais, estratégicas, cognitivas, da linguagem, etc.; e) ser de imaginação: representações dos outros e da situação, o que eu imagino com base no que eu interpreto vendo fazer isto ou aquilo; as projeções e as transferências; as invenções do que sou capaz com minhas competências genéricas transversais, graças as posições existenciais, o meu mundo onírico, minha criatividade e simbolizações, etc. Ver o anexo 03 sobre as dimensões de nosso ser no mundo (JOSSO, 2006, p.379-383).

Quando me vi diante do trabalho de escrever sobre meu itinerário escolar, me senti desconfortável. Não é possível se restringir ao tema somente escolar, as memórias acontecem e como não as escrever? São memórias além das palavras, elas são registros do corpo. Comigo aconteceram duas situações que me colocaram em estágio de reflexão durante essa pesquisa. O tema nascimento e morte me nutriu de possibilidades de vir-a-ser ao mundo. No Diário íntimo me questiono: “O que me resta agora na auto-investigação?”

Escrever para arrancar de mim laços e nós da história. Em alguns momentos o meu ser de carne esteve na posição por contraste, nas relações éticas e estéticas, estabelecidas nos diferentes encontros com o mundo e no mundo. Como também relatar um percurso de vida na busca de lugares perdidos na incomensurabilidade do próprio discurso, na idiosincrasia das tantas possibilidades de fios alternativos, de ideias bordadas e abortadas. Preço que paguei pelo trabalho de auto pesquisar, no valor de ter o gosto de viver a experiência aberta e direta, mesmo avessa a tempos insossos.

A sensação que tive foi de ter tantas páginas escritas por antigos que habitavam minha casa triste. Senti-me o foco de gargalhadas de deboche, de estar assim tão frágil exposta, mas se o que me impeliu foi reviver o lugar perdido, entrei com dignidade, substituindo as referências que me distraía, das tarefas que ainda precisava realizar. Criando a minha própria história a partir dos “nós invisíveis” apresentados pelo meu ser de sensibilidade de uma história de vida e formação que estavam inconscientes:

‘Então, o que pensas desta escola, onde se encolheu e passou por debaixo da porta, acessando as lembranças, responsáveis pela configuração do corpo cariado que visualizou? Não se trata de uma menina esperta, apenas se apegou a uma aventura, o conteúdo da saudade; pois, nos limites encontrados, nas rupturas e lacunas a história foi recriada; gestada nos sustos de ter que desfazer os nós da corda de tantas encruzilhadas de lugares longínquos’ (Diário íntimo).

5.4 Sobre o início da alfabetização

À Adair, Josie, Leila e Bettina, Flávia, saudações

‘Em silêncio perguntou: Senhor como posso te servir?’

E ele respondeu: “Senta-se a minha mesa para que eu lhe sirva uma xícara de café”.

A escrava sentindo-se indigna de tal convite lhe respondeu: Senhor, ainda não faço por merecer!

O pai, respondeu-lhe: “cálice, cálice, cálice”

Então me ensina pai, para que por meio do meu trabalho eu possa ser digna de me sentar.

O pai, ouvindo o clamor abençoou-a: “a cada trabalho ficarás mais leve que uma pena e em tudo que tocares transmutará ódio em esperança. A sua devoção lhe salvou, pois a tempos não se alimentas do meu corpo e do meu sangue, mas a penas as palavras que saem do meu corpo”.

A escrava agradece: Gratidão pelo instante pai! (Diário íntimo)

Da escola primária tenho de reminiscência o meu primeiro dia de aula com a mochila de formato tartaruga nas costas. Esse dia demarca a fronteira entre a educação doméstica e o início da educação formal. Neste dia ninguém me levou para a escola. Minha mãe disse: Veja que a vizinha está levando o filho dela para a escola! Segue eles! Assim fiz. Ninguém nunca precisou me levar para a escola. Isso fortaleceu-me. Sempre gostei da escola, mesmo quando ela falhou comigo. Agora, na idade adulta caminho por entre as paredes e os ecos da antiga escola ressoando dentro de mim.

Outra lembrança que alcancei das minhas andanças em Itaúna do Sul. Foi quando encontrei com minha professora de Artes do ensino fundamental em um caloroso café da tarde lhe contei sobre esta pesquisa autobiográfica. Ela rapidamente buscou em seu acervo uma fotografia. Foi um encontro com o passado. Olhar-me ainda criança na escola básica, nutrida de esperança em continuar os estudos mesmo que sem saber o que, me fortaleceu a perseverar neste trabalho de pesquisa e na profissão docente tão desvalorizada. Foi nas escolas de Itaúna do Sul: Escola Estadual Machado de Assis, no Colégio Estadual Rui Barbosa e no Pré-escola Cantinho Feliz, que aprendi as primeiras letras. Mas, é preciso admitir que simultaneamente as atividades da escola outra instituição exerceu forte influência sobre minha educação, as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's). Tive uma formação de evangelizadora, influenciando-me no desenvolvimento de uma leitura mais crítica sobre as realidades sociais, políticas e econômicas tendo como exemplificação a imagem e semelhança de Jesus Cristo nas passagens dos trechos da bíblia, presentes nos folhetos das Campanhas da Fraternidade e nos estudos das Novenas de Natal. Não poderia esquecer do coral e do teatro improvisado na igreja Católica Apostólica Romana da pequena igreja, a qual frequentava com

assiduidade, influenciando-me na desenvoltura da professora que sou que adora falar e atuar.

Figura 4 - Escola Estadual Machado de Assis-E.F, Itaúna do Sul, PR.



Fonte: Fotografia doada do acervo pessoal de Lucimeire Vieira.

Desses lugares longínquos, me lembro nitidamente da grande dificuldade que enfrentei no meu processo de alfabetização ainda na pré-escola. Ao chegar em casa com as lições nas mãos sempre chorosa por não conseguir fazê-las. Meu pai mesmo com pouco estudos foi meu herói. Sentava-se ao meu lado encorajando-me a não desistir. A sua ajuda foi imprescindível nesta primeira etapa de minha alfabetização. Esta fase foi muito importante.

‘O que me resta agora na auto-investigação?

Resgatar, o fio que se soltou das primeiras palavras, e saltou, e se perdeu nas lembranças da infância, junto ao caderno, chegando do pré-escola. No ato de me sentar, com a mão ajeitando a lição, rompendo-se em choro na vontade das primeiras palavras; o pai animando, pegando-me no colo e dando início à recitação de um texto, cheio de pretensões, fragmentado. Na voz tranquila, serena e sem pressa deslizando sobre as sílabas, enquanto, eu, menina, as repetia na esperança de entender o caminho de uma pessoa letrada. Mas, um dia, chegou todo irritado e a mãe soltou o verbo em cima do pai amado. A dor sentiu de ter o ídolo humilhado. Hoje, na sala, rogou que o homem que a letrou, aceite o preço de sua estrada, crente nas palavras de: “Que no peito te trago agora a vitória de uma menina que fora sonhada, no projeto de família empenhada, o orgulho da escola e de ter carregado o mestre no peito, escondida numa caixa; o troféu da pátria desleixada” (DIÁRIO ÍNTIMO)

Tive bons professores do pré-escola ao oitavo ano do ensino fundamental mesmo que sob a perspectiva de uma pedagogia tradicional. E ainda que eu tenha

sido uma aluna exemplar com boas notas e bom comportamento me faltou incentivo para que eu me tornasse uma leitora e escritora consciente desde a gênese da alfabetização. Compreendo que somos seres inacabados e que sempre estamos aprendendo, mas me faltou a leitura das obras dos clássicos da literatura, fui ter contato com alguns somente no ensino médio sob a pressão da obrigação de ler para o vestibular.

Mas, este trabalho com narrativas a leitura e a escrita exerce sobre mim uma experiência existencial de pensamento pedagógico e uma prática educativa. Concordo, se por um lado, a prática de ler nos ajuda a aprender com a leitura, enquanto “processo amplo, exigente de tempo, de paciência, de sensibilidade, de método, de rigor, de decisão, e de paixão de conhecer” (FREIRE, 1992, p.77). Por outro lado, a escrita se constitui das lembranças de velhas tramas em tempo de criação e re-criação. Além disso, o tempo de escrever é sempre precedido pelo da fala, oralidade que exerce uma forte influência sobre a minha escrita, e que ao transbordá-la em pensamentos na fala é uma maneira de refazer, de repartejá-las e de criação¹⁵. Pelo menos na minha infância a oralidade foi marcada por um contexto familiar emblemático. E, também, nas Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), pois nos grupos de reflexão tínhamos o hábito de proporcionar espaços para que as comunidades expressassem suas ideias, seus pensamentos diante das questões sugeridas, vencendo as barreiras do analfabetismo. Não tenho nitidamente da escola básica, até a oitava série, lembranças de espaços de reflexão e de debate sobre questões que me levasse a formular minhas próprias ideias. Fui ter uma experiência de leitura com maior grau de dificuldade no ensino médio, pelo CAP/UEM, a primeira peça de teatro que assisti na vida, era a adaptação de “Memórias Póstumas de Brás Cubas” de Machado de Assis no teatro da UEM. Fui compreender a forma como li a peça somente agora no mestrado, li por identificação. A leitura depende da decifração de letras, mas também depende de uma memória cultural adquirida por ouvido, o que enriquece a interrogação semântica é preciso admitir que “Desde a leitura da criança

¹⁵ O tempo de escrever, diga-se ainda, é sempre precedido pelo de falar das ideias que serão fixadas no papel. Pelo menos foi assim que se deu comigo. Falar delas antes de sobre elas escrever, em conversas de amigos, em seminários, em conferências, foi também uma forma de não só testá-las, mas de recriá-las, de repartejá-las cujas arestas poderiam ser melhor aparadas quando o pensamento ganhasse forma escrita com outra disciplina, com outra sistemática. Neste sentido, escrever é tão refazer o que esteve sendo pensado nos diferentes momentos de nossa prática, de nossas relações com, é tão re-criar, tão re-fazer o antes dizendo-se no tempo de nossa ação quanto ler seriamente exige de quem o faz, repensar o pensamento, re-escrever o escrito e ler também o que antes de ter virado o escrito do autor ou da autora foi uma certa leitura sua (FREIRE, 1992, p.54).

até a do cientista ela é precedida e possibilitada pela comunicação oral”. Como a leitura é um efeito de (re)construção do leitor, toda leitura modifica o objeto, o texto. A leitura deveria ser compreendida como o reencontro com o movimento do corpo que não deveria ser dócil, mas são impostos que se deve ler sem pronunciar a voz, está é uma medida da modernidade. Ler exteriorizando o texto é fazer o corpo do outro, é manifestar o autor na voz do leitor. As consequências dos modos atuais de leitura são de recuo e atrofiação do corpo, pois “não se impõe mais o seu ritmo ao assunto, distancia-se do texto”(CERTEAU, 1994, p. 271). As leituras geográficas, àquelas em que há somente a mobilidade dos olhos contribuem muito pouco para a organização do leitor, aumentando a distração e fazendo do escrito um objeto cada vez mais distante do leitor iniciático, que cultiva o desejo pela escrita. tão pouco silencioso. Mas, não é assim que acontece nos bancos escolares, o bloqueio da oralidade se dá no processo de aprendizagem do corpo distanciado do texto.

5.5 Sobre a mudança de Itaúna à Maringá

À Adair, Josie, Leila e Bettina, Flávia, saudações

A metáfora dos nós de marinheiro simboliza os laços criados no processo de historicização do meu itinerário escolar representando as margens de liberdade que me liga, religa ou desliga aos outros, os elos que deram forma à minha existencialidade. Já falei sobre o nó de atracação no nascimento. O segundo, o nó de górdio que evoco é quase impercetível para uma leitura rápida do meu Diário íntimo, pois estou ligada por laços de parentesco, endereço na história de uma família que sempre me encorajou a não desistir de seguir os estudos, mesmo proveniente de uma família de poucos recursos financeiros. Portanto, os meus laços transgeracionais denunciam a minha raiz histórica, de descendentes de nordestinos baianos, imigrantes do sertão da Bahia, que chegaram ao Paraná aproximadamente na década de 50, no apogeu da monocultura do café. Os relatos contados por minha mãe é que, meus avós maternos migraram da seca e da fome do sertão em busca de melhores condições de trabalho e de vida.

Ainda criança cresci correndo e brincando no meio dos cafezais do noroeste do Paraná, em Itaúna do Sul, que só existe agora na minha lembrança. Diante da dureza de se ganhar o pão de cada dia nas lavouras de café, meus pais sempre

utilizavam seus exemplos de vida para dizer para os filhos, estudem, pois se tem algo que ninguém tira de vocês é o conhecimento.

Segui a vida estudantil com esse conselho estudando em uma escola de cidade pequena sem ver muita perspectiva de um futuro melhor e sem saber qual seria a profissão que queria para vida. Mas, a vontade de estudar era nutrida a cada etapa de minha escolarização, desde o meu processo de alfabetização quando chegava em casa com a lição, quem me ajudava era meu pai, amoroso e cuidadoso da minha educação. A ele devo as primeiras leituras guiando-me a não desistir dos obstáculos.

Depois, já na adolescência devo muito a minha tia Maria de Lurdes que passou a ser minha zeladora, me incentivando e investindo na minha educação e encaminhando-me a perceber que existiam universidades públicas, a entrada para o ensino superior. Me mudei para Maringá aos quatorze anos de idade após ser condecorada com uma medalha de honra ao mérito de melhor aluna do Colégio Machado de Assis concedida pela Maçonaria de Nova Londrina-PR. Esse fato mudou o rumo da minha vida. Isto fez com que eu, em 2005, fosse morar com minha zeladora, tia Maria de Lurdes em Maringá-PR, a fim de estudar em uma escola melhor. Da escola pública para uma particular foi difícil, as notas mantiveram-se altas, todavia, ainda insuficientes para pleitear uma bolsa de estudos na educação básica privada.

Desse modo, o retorno à escola pública, foi para o Colégio de Aplicação Pedagógica da UEM – CAP em Maringá, também de destaque no ensino. O CAP/UEM passava por um processo de transição de escola estruturada por projetos a uma escola novamente conteudista. Muitos dos conteúdos que já havia estudado revi novamente, porém aprendi mais literatura, teatro. No CAP/UEM dirigimos e ensaiamos no ensino médio a alegoria política os Saltimbancos da adaptação de Chico Buarque e continuei me preparando para o vestibular.

5.6 Sobre a busca da espiritualidade perdida

À Adair, Josie, Leila e Bettina, Flávia, saudações

Figura 5 - De olho na espiritualidade



Fonte: A autora.

À Itaúna do Sul, cidade que nasci e passei a minha infância, estou ligada pelos laços de parentesco unido a eles pelo nó forte “nó de górdio”. Os outros laços de amizade surgem de um espaço religioso, pois durante a minha infância até os meus quatorze anos de idade pratiquei a Teologia da Libertação nas Comunidades Eclesiais de Base (CEB's); às pessoas dessa comunidade estou ligada por laços religiosos que comigo constituíram uma relação de apego e de afinidade. Como a maioria da comunidade era idosa e poucos tiveram o privilégio de ir à escola, muitos eram analfabetos, porém de uma sabedoria de vida compartilhada nos espaços de discussão e reflexão por via oral. A esta comunidade de pessoas idosas e sábias, me sinto ligada, e o nó que nos une é de “esquerdo”, pois nossas relações eram de afinidade, de amizade, com liberdade para nos expressarmos sem medo de sermos o que verdadeiramente somos, humanos inacabados que sempre tem algo a aprender com o próximo. Construí com essa comunidade uma relação de liberdade e de afinidade, que por mais que o tempo passe, quando volto à Itaúna do Sul, elas me abraçam calorosamente, e a resposta é recíproca. E mesmo que a vida tenha nos distanciado me resta a saudade dos tempos compartilhados, de um tempo passado dos laços espirituais fundamentais para a formação da minha cosmogonia. E por mais, que desejei me empenhar por toda a vida aos projetos da Comunidade Eclesiais de

Base (CEB's) em Itaúna do Sul, estudando na prática a Teologia da Libertação, o fim do instante afrouxou o nó com a minha saída de Itaúna do Sul rumo a Maringá para continuar os estudos.

Ainda nesta etapa da vida lembrei-me da minha atuação no teatro na igreja católica (encenação e anúncio do nascimento de Jesus Cristo), do coral nas missas, a manifestação do meu corpo em um espaço de refazenda de cunho religioso¹⁶. Por isso, encontro-me na infância e na formação inicial em uma busca de sentido singular, nas escolhas da vida, alcançando uma visão de devir humano denominado busca da espiritualidade, que revelam a minha adesão a uma religião cristã libertadora, onde ancora-me minha concepção de sentido de vida e de universo, uma cosmogonia.

‘Então, o que pensas desta escola, onde se encolheu e passou por de baixo da porta, acessando as lembranças, responsáveis pela configuração do corpo careado que visualizou? E não, me diz por favor, que se trata de uma menina esperta, que se apegou a uma aventura, o conteúdo da saudade; pois, nos limites encontrados, nas rupturas e lacunas a história foi recriada; gestada nos sustos de ter que desfazer os nós da corda de tantas encruzilhadas de lugares longínquos. E pormais, que desejou se empenhar por toda a vida aos projeto da Comunidade Eclesiais de Base (CEB's) em Itaúna do Sul, estudando na prática a Teologia da Libertação, o fim do instante os engavetou. E o coração se alegrou, por ter se reconhecido, mesmo quando o corpo não quis mais caminhar’ (DIÁRIO ÍNTIMO).

5.7 Sobre meus passos na graduação em Química-Licenciatura

À Adair, Josie, Leila e Bettina, Flávia, saudações

¹⁶ Comunidade Eclesiais de Base (CEB'S) tiveram sua origem a partir da década de 50, época da criação da CNBB (1952), tomando força a partir do Concílio Vaticano II, inserindo-se no contexto dos movimentos populares que surgiram no Brasil na década de 60. Tendo início na zona rural e depois se expandindo para zona urbana (KNAPIK, 2004, p.72). Segundo Malvezzi (2014) no Brasil as CEB's atuaram intensamente no Semiárido, por isso o catolicismo popular é historicamente arraigado pela influência de homens como Ibiapiana, padre Cícero e Antônio Conselheiro. Eles e seus beatos anunciam o evangelho pelo sertão, com raízes culturais locais, cuidando dos cemitérios, das aguadas, da construção de igrejas, dos órfãos, dos flagelados pela seca (p.09-10). Foi na Escola Estadual Machado de Assis, no Colégio Estadual Rui Barbosae no Pré-escola Cantinho Feliz, que aprendi as primeiras letras. Mas, é preciso admitir que simultaneamente as atividades da escola e de casa houve uma outra instituição que exerceu forte influência em minha educação, a Comunidade Eclesiais de Base (CEB's). Tive uma formação de evangelizadora, influenciando-me no desenvolvimento de uma leitura mais crítica sobre as realidades sociais, políticas e econômicas tendo como exemplificação a imagem e semelhança de Jesus Cristo nas passagens dos trechos da bíblia, presentes nos folhetos das Campanhas da Fraternidade e nos estudos das Novenas de Natal. Não poderia esquecer do coral e do teatro improvisado na igreja Católica Apostólica Romana da pequena igrejainha, a qual frequentava com assiduidade. Influenciando-me na desenvoltura da professora que sou que adora falar e atuar.

Figura 6 - Meus passos na graduação



Fonte: A autora.

O desejo de ingressar no ensino superior fortaleceu-me diante dos obstáculos, por isso concomitantemente ao estudo de costura industrial no SENAI em 2007 estudava para a prova do vestibular frequentando o Cursinho Popular da UEM. Ao final deste mesmo ano fui estagiar na indústria e conseqüentemente consegui meu primeiro emprego. É importante destacar que as condições de estudo e trabalho me conduziram a desejar a independência financeira inicialmente.

A escolha do curso de Química – Licenciatura não foi consciente, como gostava da disciplina na escola básica, comecei a ler sobre a profissão do Químico nos fascículos da Gazeta do Povo e em um manual de profissões ultrapassadas cedido por minha prima. Minha tia Maria de Lurdes, apoiou prontamente sob o argumento que não me faltaria emprego (risos). Todavia, minha primeira opção era serviço social, que também era uma escolha inconsciente. A escolha da habilitação ser licenciatura foi porque o curso era noturno e me facilitaria trabalhar durante o dia. Não tinha a mínima ideia de que licenciatura era uma habilitação para me tornar professora. Só fui adquirindo essa consciência e me forjando professora ao longo do curso e através das atividades extracurriculares, nos espaços formais e informais que

transitei. Essa realidade se repete com boa parte dos professores de Química, pois fazemos escolhas pelo ofício inconscientemente.

Minha tia estava certa, no primeiro semestre do curso comecei a trabalhar na zona rural de Sarandi/PR em um laboratório de controle de qualidade de açúcar e álcool. Após um ano de curso veio o resultado de estudar e trabalhar, o fracasso acadêmico me deprimiu profundamente. Não estava preparada para este resultado acadêmico negativo de notas baixas e reprovações. Tive que amadurecer psicologicamente às pressas e aprender a sacrificar o lazer pela vida acadêmica. Deprimida, queria abandonar o curso, me questionando se estava no curso certo. Ao olhar para os meus amigos também estudantes e trabalhadores com os mesmos problemas, mas fazendo suas escolhas de largar o emprego, também me posicionei. Abandonei imediatamente o emprego e me engajei nos projetos de assistência estudantil da UEM.

Primeiramente engajei-me como bolsista trabalho no Museu da Bacia do Paraná – MBP como monitora das exposições fotográficas e, na catalogação do acervo. Aprendi com João Batista e Naly Viana Garcia nas horas vagas de forma oral e algumas leituras complementares sobre a história da cidade de Maringá e do Paraná, sentados à mesa na sala de madeira tomando coca-cola. Um espaço profissional que foi minha segunda casa, pois estabelecemos relações de amizade, de afinidade e de apego. Por isso, ele aparece atado como um “nó de espinha” em mim, devido às nossas relações autônomas de liberdade, de sinceridade em que existia alteridade em ambas as partes. Eles me inspiravam a me questionar sobre a história da Química, a ciência a qual estava estudando na graduação. Ali, naquele museu simples, numa casinha pequena de madeira atendendo as crianças das escolas, a comunidade acadêmica e externa foi que comecei a me partejar professora nos laços de amizade.

Precisava de uma oportunidade para experienciar a sala de aula e aguçar ainda mais à vontade que aflorava em mim da docência. Vontade que fora ainda mais aguçada no projeto Proinício de Química. Sob a tutoria do professor Marcelo Cirino Maia ministrei aulas de química geral para acadêmicos ingressantes de vários cursos na UEM. O objetivo do projeto era nivelar o déficit de aprendizagem dos estudantes intervindo para evitar a evasão acadêmica. Simultaneamente a este projeto também

era tutora da disciplina de química no Colégio Nobel, rede particular, cuja bolsa complementava a minha renda e me agregava conhecimento sobre a docência.

Ambos os espaços profissionais me proporcionaram a experiência de estar mais próxima da atividade docente, ministrando conteúdos de química. Porém, ainda não era o que almejava. Buscava pesquisar o ensino e a aprendizagem de química, elaborar unidades didáticas, oficinas temáticas, participar de grupos de estudos, discutir artigos científicos, escrever trabalhos para os eventos da área, coisa que meus amigos do curso já estavam fazendo no espaço do PIBID – Química da UEM, algo convidativo. Como de fato, ingressei no PIBID – Química e comecei a fomentar essas atividades junto com meus amigos Leandro Rocha, Luan Santana, Érica Dias, Douglas Benício e Franciellen Rodrigues. Além disso, inspirado na disciplina de “Fundamentos epistemológicos da Ciência Química”, fundamos no espaço do PIBID - Química o “Grupo de Estudos de História e Filosofia da Ciência” – GEHFC, pois o nosso desejo não era mais só de aprender a ensinar, o grupo estava unido e balizado por um único objetivo: questionar a Ciência que estávamos aprendendo na graduação. A princípio não foi bem-visto pelos nossos orientadores prof.^a Dra. Neide Maria Michelan Kiouranis e prof. Dr. Marcelo Pimentel, mas logo entenderam a nossa proposta. E ainda que era uma atividade paralelo PIBID – Química utilizamos o espaço para nossas reuniões, leituras e discussões. Esse grupo me ensinou muito, a estabelecer laços de amizade, de afinidade, de cumplicidade, laços simbólicos que não eram apenas profissionais. Representa uma ruptura epistemológica interior de me questionar a formação que estava recebendo passivamente de ciência a-histórica, descontextualizada e não problemática. O espaço do PIBID – Química me fez sentir na maior parte do tempo inteiramente pertencente a um grupo escolar, construindo vínculos mais ou menos fortes, por isso evoco esses laços geracionais que estão atados ao “nó de espinha”. Com o término da graduação os membros do grupo seguiram caminhos diferentes, lamento, pois acredito muito no potencial do germe desse grupo de estudos, visto que há poucos historiadores das ciências no Brasil. Portanto, as lembranças do Grupo de Estudo de História e Filosofia da Ciência (GHFC) remete ao espaço também formativo do PIBID, pois juntos promoveram vivências e ressignificações das concepções de ciências e dos pressupostos pedagógicos, além de interação e fomento da pesquisa educacional, nos primeiros

relatos de experiência sobre o ensino de química desenvolvidos pelo GEHFC, essenciais para as primeiras reflexões sobre o ofício docente ainda na formação inicial.

O sentimento de apego ao PIBID está atrelado a um espaço de convivência, de amizade, de amor ao fazer educacional, estabelecido no convívio com os demais estudantes de Química, membros que estabeleceram laços de afinidade. Laços que exerceram forte impacto na formação das sensibilidades, dos ideais, das crenças do ser professor de química no mundo.

5.8 Sobre o diário de bordo no contexto do PIBID-Química

Ao Leandro, Franciellen e Douglas, Flávia, saudações

Caríssimos, desde o ano de 2014 poucas foram as vezes que nos encontramos. Só me restam as lembranças do que vivemos no PIBID-Química. Lembro-me da amizade de coração com coração e de escuta consciente construída entre nós. Dos momentos de identificação pela luta por conhecimento e sobrevivência que nos geraram alteridade. Amigos, as tramas de nosso itinerário é praticamente uma. E isso se deve ao tempo que permanecemos juntos, aos intensos pensamentos e as discussões em torno do Grupo de Estudo de História e Filosofia da Ciência – GEHFC e, também, do PIBID.

Escrevo-lhes refazendo as tramas desse projeto com a pretensão de lançar luz sobre um ponto muito importante sobre minha formação. O PIBID-Química me ligava em alguns momentos me fazendo sentir parte de um todo. Não sei se acontecia com vocês, mas à medida que mais me caía na alma a vontade de pesquisar mais sentia-me integrada ao ofício de aprender e de ensinar. Compreendo que o professor segregado da pesquisa se distancia de sua tarefa docente. Porém, penso que a minha escrita ainda caótica era também reflexo de uma leitura demasiadamente descuidada. Estou aprendendo que a quantidade de leitura deve ser proporcional a retenção e ao tempo que se precisa para refletir. Avalio-me agora que tinha muitas ideias, mas não a capacidade de execução. Vou ter que admitir aqui que o projeto coletivo de execução de um livro de oficinas e sequências didáticas proposto na época, falhou, porque não tínhamos ritmo de escrita e um projeto ainda que escrevíamos trabalhos

para eventos. A carga horária também era incompatível para a quantidade de atividades para pôr em prática o GEHFC no PIBID¹⁷.

Enquanto investigávamos no espaço do PIBID como ensinar uma ciência Química pautada em uma prática docente voltada para uma pedagogia mais crítica e progressista, o curso de Química – Licenciatura de modo geral não o era. E mesmo sem saber como fazer no ambiente do PIBID, fomos semeadores de ideias e devaneios sobre história e filosofia da ciência principalmente nas horas de café da tarde do PIBID. Por isso, nomeamos os momentos carinhosamente de Grupo de Estudo de História e Filosofia da Ciência (GEHFC). O embrião das primeiras leituras cujo relato sobre as discussões e reflexões sobre a natureza da ciência, os saberes necessários para um professor preocupado com a sua prática fizemos questão de registrar e divulgar. Além do desenvolvimento da autonomia, do diálogo e principalmente as mudanças relativas ao modo de conceber a ciência, as discussões contribuíram para os membros do grupo com uma nova postura crítico-reflexiva acerca da prática pedagógica que permeia o ensino de química.

Relembrar sobre a formação que adquiri no PIBID – Química me faz lamentar das nossas tentativas frustradas de ritmo de escrita que era sempre interrompida por tantas atividades acadêmicas que tínhamos que assumir. Não é mesmo? A escrita lamentavelmente foi uma atividade secundária. Compensávamos com leituras e muita discussão nos intervalos de aula, no café e assim por diante. Agora, no mestrado percebo a falta que nos fez adotar um diário de pesquisa, um instrumento de registro de nossos pensamentos para desenvolver disciplina. Ao ler *O Diário de Pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo* de Joaquim Gonçalves Barbosa e

¹⁷ Desse modo, o subprojeto de Química vislumbrava a formação de futuros professores que pensasse a própria prática, tornando-se professores pesquisadores desde a formação inicial (FREIRE 1982; 1992; CANAN, 2012; KRASILCHIK, 2004). Sendo o foco do Grupo de Estudo investigar as metodologias de dois livros considerados alternativos: *Interações e Transformações I: Elaborando Conceitos sobre Transformações Químicas* (GEPEQ/USP) e o de Química do projeto Voaz (Eduardo Mortimer e Andréa Machado) fundamentais para estruturar atividades com situação-problema, e que envolvessem os alunos a participarem e se sentirem desafiados a aprender. Ao longo, do processo de construção e reconstrução do planejamento da atividade de intervenção, a finalidade era chegar em um planejamento aplicável as condições das escolas, pensando em otimizar o tempo, os recursos disponíveis, ao próprio cronograma da escola, mas que contextualizassem e problematizassem conhecimentos básicos de Química do cotidiano dos estudantes. Alguns trabalhos publicados sobre temáticas de sequências didáticas foram publicadas nos eventos: Congresso Paranaense de Educação Química – CEPQUI, o Encontro Nacional de Ensino de Química – ENEQ e o II Seminário Estadual PIBID do Paraná (OLIVEIRA, F.R.; OLIVEIRA, D. B.; ROCHA; KIOURANIS, 2012, 2013a, 2013b, 2013c, 2014) e no II Seminário Estadual Pibid do Paraná: Tecendo Saberes (ROCHA; OLIVEIRA; SILVEIRA; KIOURANIS, 2014)

Remi Hess compreendo que a nossa dificuldade residia no fato de que não sabíamos separar as diversificadas temáticas que habitavam nosso ritmo de estudo conciliando com as disciplinas da graduação.

Tínhamos no PIBID que registrar nossas atividades, acontecimentos, as intervenções didáticas no Diário de Bordo, mas penso que a nossa compreensão na época sobre como direcionar nossos relatos faziam da materialidade do conteúdo ser incipiente. É preciso criar um compromisso nobre consigo mesmo, pois o ato da escrita nos ajuda a organizar os pensamentos e a nos projetarmos como professores pesquisadores produzindo textos autênticos.

Uma dica muito interessante para criar uma dinâmica de pesquisa é objetivar os problemas que se teve escrevendo-os, assim se encontra a solução, pois o ato da escrita tem o lugar de “organizar nossas sensações e nossos pensamentos e de organizar nossomundo inconsciente” (BARBOSA; HESS, 2010, p.46). Ajuda a separar os pensamentos que são próprios dos outros.

Nesse sentido, à medida que fazemos o processo de escrita através do diário vamos ganhando o estatuto de professores pesquisadores. O contato mais elaborado com nossos pensamentos em exercício reflexivo organizador de nossas ideias e sobre nossa própria prática, leva-nos a pesquisar nossa própria prática. E é exatamente por este motivo que se justifica o uso do diário de pesquisa como um recurso auxiliador da autoformação, da formação para a pesquisa e escrita e para a atuação no social da vida cotidiana.

Penso que o Diário de Bordo no PIBID era uma tentativa de organizar o pensamento, porém nem tudo o que se pensava registrava, pois o diário era mais um instrumento avaliativo do que um recurso organizador do pensamento reflexivo. Penso isso porque demorávamos demasiadamente para realizar os registros. Outro problema é delimitar o objeto de reflexão da prática não é uma tarefa fácil.

Também é preciso considerar que o diário não era um registro íntimo e pessoal nem todos buscavam em seus processos de escrita assumir uma escrita de criação e de autocriação. Havia o medo de demonstrar no momento de socialização no grupo maior do PIBID-Química, diante dos orientadores e demais membros as falhas e carências. A tensão aumentava nas seções de análise das videoaulas gravadas. A forma como conduzíamos estas atividades devia ter algo de errado, pois

o objetivo era fomentar o intercâmbio, a troca de escritos ou de leituras entre os grupos. Notava-se um bloqueio quando se tentava transitar de uma “escrita pessoal para uma escrita socializada e pública” (BARBOSA; HESS, 2010, p. 19).

Assumir o diário como um instrumento de registro que transcenda a simples descrição de fatos depende que a escrita seja posta em prática e institua o sujeito do processo de elaboração de si, da sua subjetividade, da apreensão do movimento interno em sua relação dialética com a dinâmica externa e social. Neste percurso de leitura do diário deveria haver encontros com nossas próprias ideias e de leituras que embelezaramnosso ser e estar no mundo. Na obra *As palavras* Clarice Lispector faz um convite a conhecer *Sobre a leitura* de Marcel Proust. Este por sua vez explica que a leitura está no limiar da vida espiritual exercendo um efeito quase terapêutico e que a nossa sabedoria começa onde a do autor e o que nos resta é o desejo pela continuação da obra.

Em meio a tantas leituras que o acadêmico precisa realizar nem sempre elas exercem sobre eles estes efeitos descritos por Proust, devido à sua natureza científica. Desse modo, a leitura perde seu efeito terapêutico, uma espécie de disciplina curativa em casos patológicos de depressão espiritual e no desenvolvimento do espírito criador de pensar por si mesmo. O nosso espírito indolente necessita de um impulso, de uma força que não é externa, para enfrentar a solidão. Portanto, a vontade de ser leitor e escritor repousa em ressuscitar a “atividade criadora” dentro de si, do ânimo em gerar as ideias próprias (PROUST, 2016, p. 34).

Compactuando com o pensamento de Proust podemos encontrar nas obras de Freire, mas principalmente na obra *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam* um alerta urgente sobre a necessária intervenção sobre o assunto do ato de ler. Ele combate a subordinação do leitor, trazendo-o para dentro do texto, encorajando-o a ler e interpretar com atenção, com curiosidade para vencer as dificuldades, alertando que estudar exige disciplina, criação, recriação, portanto um dever revolucionário.

O acalento do meu coração está na chama da esperança de que o PIBID fortalecerá cada vez mais a importância do Diário de Bordo na mediação da formação dos professores. Mediação da leitura e da escrita que devem caminhar juntas. O diário é um grande mediador que nos introduz na vida de professores-pesquisadores

5.9 O início da carreira docente

À Adair, Josie, Leila e Bettina, Flávia, saudações

Relatarei sobre duas práticas docentes realizadas na escola técnica que me mudou a concepção sobre o ensino dos trabalhadores. Ao longo do tempo de um ano que lá lecionei também era uma trabalhadora que utilizava o ônibus metropolitano no trajeto da cidade de Paranaíba à Maringá e vice-versa. Um dia algo me bateu profundamente em uma madrugada de segunda-feira, ao ler a frase de István Mészáros: “Diga-me onde está a escola que te direi onde está o trabalho”. Ele estava falando do meu trabalho, da realidade das escolas técnicas que formam o indivíduo para o trabalho segmentado nas periferias dos grandes centros. Modificada com a frase passei a me envolver ainda mais com a tarefa docente, que me desafiou a investir mais tempo nos estudos como ensinar e o que ensinar, diante da singularidade de cada aluno, das defasagens de conhecimentos básicos como matemática básica, o analfabetismo, a linguagem da ciência química distante da compreensão dos alunos e principalmente a carência de materiais didáticos para esta modalidade de ensino, também de jovens e adultos. Fiz a própria transposição didática transitando por livros da educação básica, do ensino superior, artigos científicos, manuais técnicos e angariando conhecimentos nas visitas técnicas na industrial local.

Nesse sentido a realidade da escola técnica de nível médio me cativou e envolveu-me de tal forma que não consegui dar sequência ao mestrado PPIFOR, as demandas exigiram-me o comprometimento ético e a responsabilidade de professor pesquisador, devido à necessidade de estudos dos materiais didáticos, dos conteúdos e da adaptação de atividades experimentais apropriadas à modalidade de ensino.

Por perceber a educação sob uma perspectiva emancipatória em que ensinar acontece da articulação entre teoria e prática (PIMENTA, 2005), e, que, nem sempre o que planejamos atende as nossas expectativas e a dos alunos; recorri aos momentos de insegurança às práticas pedagógicas inspiradas nas atividades do PIBID, nos professores modelos da época da formação básica e superior. Essa amálgama foi me constituindo professora com perfil de pesquisadora da própria prática, portanto aprendente de meu próprio ofício (MIZUKAMI, 2004). Objetivando que a aprendizagem dos estudantes acontecesse com sucesso e conseqüentemente a

democratização do conhecimento historicamente construído, por isso testei leituras, experimentos, materiais midiáticos e fomentei o entrecruzamento entre os grupos em sala de aula. Acreditando que, a minha postura de professora-pesquisadora encontrava-se filiada a ideias pedagógicas da práxis libertadora freiriana em que o básico é ensinar o educando a estudar, a pensar por si mesmo.

Sendo assim, me vi como professora-pesquisadora da própria prática em função da (auto)formação, ao assumir as complexidades dos desafios afastando-me das fronteiras das disciplinas, para exercer a autonomia política, o envolvimento humano para problematizar as temáticas emergenciais da ciência. É perceptível esta postura freiriana na prática pedagógica em que tematizei as condições do laboratório de química da escola na disciplina de química analítica para ensinar conteúdos de segurança do trabalho.

Nesta ação pedagógica em que mobilizei a consciência dos educandos acerca do ambiente laboratorial a consciência em uma primeira visita apresentou-se ingênua e passiva, mas com o desenvolvimento dos estudos foi evoluindo para uma visão de aprendentes críticos e reflexivos diante do objeto de conhecimento¹⁸. Justamente, porque, a educação dialógica e problematizadora questiona essa realidade percebida de forma ingênua e mágica (AULER; DELIZOICOV, 2001). E, por isso, tem-se que a prática docente é um potencial poder político transmutador da

¹⁸ Logo abaixo há um breve esboço do que foi realizado na Escola Enira Moraes Ribeiro – E.F.M.P com estudantes trabalhadores do curso Técnico em Química subsequente: As aulas foram divididas em cinco encontros. Na primeira a leitura “A Evolução dos reagentes químicos comerciais através dos rótulos e frascos” (AFONSO; AGUIAR 2004) repleto de as simbologias químicas e artefatos dos 133 anos de ensino de química da cidade Rio de Janeiro, contextualizado com o desenvolvimento industrial e a química analítica. A segunda aula, discutimos no coletivo sobre os sentidos e significados das simbologias dos rótulos dos reagentes, mas também o papel da indústria para o surgimento das instituições regulamentadoras como a “American Chemical Society” (ACS) e a “International Organization for Standardization” (ISO). Fechando a discussão com uma síntese feita por cada aluno. Na terceira atividade interpelei os alunos sobre a estrutura de um laboratório, se já conheciam. Para que tivessem uma visão mais ampla sobre biossegurança em laboratórios de química, sintetizamos o conteúdo em quinze minutos em um vídeo que aborda várias medidas que a serem tomadas desde o projeto da planta do laboratório ao manuseio aceitável de reagentes para que minimize os riscos de acidentes e doenças (HIRATA *et al.*, 2012; FILHO, 2008; ABNT NBR14725-4 4; ABNT/CB-10). Após assistirem o vídeo, lançou-se aos alunos um desafio, elaborar uma lista de itens com os conteúdos e com base na já estudados e auditar o laboratório de química da escola. Quais foram as não conformidades que os alunos encontraram no laboratório escolar? Vamos elencar algumas: a) capela próximo à porta; b) banquetas no lugar de assentos ajustáveis, com encosto e apoio para os pés; c) problema nas saídas de emergência, apenas uma porta; d) lava olhos em local indevido; e) alguns produtos químicos não identificados; f) produtos químicos armazenados sem estarem devidamente separados por suas características; g) os produtos químicos não estão rotulados de acordo com a sua respectiva ficha de segurança (FISPQ); h) não há separação de resíduo químico em recipientes separados em organoclorados e não organoclorados e i) ocorrem descarte de resíduo químico na pia.

cultura local, fazedor da história a partir dos problemas presentes, àqueles que se apresentam no percurso pedagógico.

Quando estamos por inteiro no trabalho docente desenvolvemos atividades que nos fazem acreditar que vale apenas prosseguir acreditando e pondo em prática a Pedagogia crítico-progressista. Tive uma outra experiência que me marcou profundamente, a de trabalhar no coletivo com a professora Luciana Nitatori Mazaro Zarelli desenvolvendo trabalhos de pesquisa com nossos alunos no curso Técnico de Química no Colégio Enira Moraes Ribeiro - EFMP. Um deles me sensibilizou profundamente. Estava eu ensinando a disciplina de Química Analítica sobre a força dos ácidos e bases, quando o aluno Arnaldo Sérgio da Silva começou a contextualizar com exemplos sobre lavagem de peças a serem tratadas pelo banho de níquel (sulfato de níquel, cloreto de níquel e ácido bórico), a preparação das soluções para o processo de galvanoplastia de peças metálicas. Ao final da aula o aluno Arnaldo me diz que tinha um sonho, o sonho de escrever e demonstrar para as pessoas o que ele fazia em seu trabalho. A saída que eu e Luciana encontramos foi de ajudá-lo a escrever um resumo para a Semana de Química do IFPR. O trabalho “Galvanoplastia com impacto ambiental reduzido e melhor aproveitamento econômico”⁵⁹ foi aceito na modalidade comunicação oral e apresentado por Arnaldo nos anais da Semana de Química do IFPR – Paranavaí, 2016. A satisfação de ver nos olhos de nossos alunos a realização de seus sonhos e projetos de vida nos impulsiona na tarefa docente de criar e amadurecer práticas de ensino e aprendizagem no espaço escolar. Porém, estas práticas requerem das pessoas, vínculos algo que infelizmente é impossibilitado pelas políticas de contratação dos profissionais da educação do Paraná, que presa pela rotatividade de profissionais nas salas de aulas. Fato que se constata em minha carreira docente, pois após um ano de contrato, a instabilidade novamente me solapou, no final do ano de 2016 com a rescisão do contrato da Secretaria de Educação do Estado do Paraná – SEED e de todas as políticas do Estado de sucateamento das condições de trabalho das escolas públicas do Paraná. Encontro-me ainda desempregada como muitos professores e a conjuntura da política educacional para os próximos anos não será fácil. Como de fato não foi, no início de 2017 houve um corte de horas atividades em que sobrecarregou a jornada de trabalho dos profissionais da educação e outros desempregados.

5.10 Sobre como li o tema morte

À Adair, Josie, Leila e Bettina, Flávia, saudações

Antes de dar sequência ao texto sobre mim. Quero dizer que algo fez em mim quando li. Quando fazemos algo ou algo acontece em nós obtemos um texto. E refleti-los leva a algum conhecimento, a uma sabedoria de vida.

Como investigar a situação?

Era um rato (a) paralisado, sem orientação, sem forças. Olhou-me com olhar do último instante, com ar minguido e triste. Deu dois passos de leve sofrendo a agonia do fim. Enfim, se encostou nos paralelepípedos soltos da rua Comandante Paulo Pinheiro Schmidt, nº 300, Uvaranas, Ponta Grossa, seu corpinho sarnento, deu um gemido bem forte, como se me disse: Adeus! Só me restou a pergunta: O que é a morte?

Depois de uma semana pensando reescrevi assim:

'Meu Deus, para onde é que foi o rato, que estava aqui na minha frente estático, de corpinho sarnento e molhado, com olhos murchos quase sem força na respiração? E para onde foi a mulher que o viu, e percebeu-se paralisada, disparando um grito, a resposta do apreendido nos olhares trocados? O rato, deu dois passos lentos, soltando do fundo de si mesmo um gemido, como se desencaixasse do corpo, algo. Por isso, que me olhastes daquele modo moribundo, que só agora compreendo o prelúdio do seu gesto dizendo-me: Adeus!?' (DIÁRIO ÍNTIMO)

A morte também é um tema importante tanto quanto o nascimento, porém é desprezado pela sociedade que cultua a jovialidade como se fosse eterna. Não há lugar para se refletir sobre ela, a morte. Eu a abordo, porque ela caiu no meu colo, ou melhor na minha porta, enquanto escrevia esta dissertação, como se me dissesse, me veja, eu também existo. Ela seria talvez bem mais explorada por um filósofo. Mas, darei a ela um lugar nesta escrita, ainda que a transforme no lugar onde não estou, porque, ela também existe e se trata de um tema existencial que mais cedo ou mais tarde todos nós teremos uma experiência concreta, a de partir, de viajar para um outro lugar ou um não-lugar, não se sabe, porque é um mistério.

A morte também é uma questão do sujeito, o prelúdio da anunciação da angústia, do desespero ou da dor. O moribundo sem poder falar, só expressa o que se passa pelo olhar e o gemido de seu corpo. O corpo manifesta como se disse: Estou morrendo! Morrer também pode significar um conflito cognitivo representado pela pergunta: o que é ser? ou a reflexão diante de um conflito mal resolvido, talvez de uma vida inteira peregrinada. Mas, onde se encontra o moribundo? Na fronteira entre o vivo e o morto privado de linguagem, envolto ao silêncio, "a morte é o outro lugar" (CERTEAU, 1994, p.295). Portanto, a destituição da palavra, o espaço intermediário

é o lugar de passagem entre o vivido e o desconhecido, a aniquilação do desejo de falar. A recusa pela sociedade tecnocrática de compreender a morte e em proteger o lugar instituído, lança-se de procedimentos e métodos que a retira “do tempo, do trabalho e da linguagem” (CERTEAU, 1994, p.298).

A descrição feita por mim é apenas o efeito captado por meus sentidos, deste lugar desconhecido que busco uma identificação, ainda que seja um animal (um rato), mas um convite a uma escrita reflexiva de um fato retirado do laboratório da vida. O corpo torna-se escrita. E como não é possível atribuir um lugar a morte, os dois, o nascimento e a morte aparecem simultaneamente em um mesmo lugar.

Se de um lado estava o corpo do animal declinando a sua vida, do outro lado estava eu, a escritora deste trabalho, com os dedos atrofiadas, mas lendo por identificação e fazendo a seguinte constatação:

De tanto ler por identificação eu me tornei o rato, a simbolização da minha morte, do corpo corroído que a tempos dentro de mim não podia mais se expressar. Eu morri, jogada nos paralelepípedos da rua Comandante Paulo Pinheiro Schmidt, e depois renasci (dia 05 de janeiro de 2019) nas águas salgadas (mar) no ato da primeira vez, o meu nascimento. E aqui estou para contar-lhes esta história que também tem uma pitada de ficção. Por isso, caro leitor, dou-te nesta dissertação, o meu corpo para ser lido, mas semidesnudado.

6 SEXTA CARTA: SOBRE O NÓ DE PESCADOR

À Adair, Josie, Leila e Bettina, Flávia, saudações

Professoras, farei o nó de pescador. Isto significa que devo lembrar de todos os laços e nós unindo-os em uma figura de ligação para alcançar o endereço do itinerário escolar.

Figura 7 - Nó de pescador



Fonte: RIBEIRO, Danilo Chagas. **Porque um site náutico tem que ter nós.** Nó de pescador. Disponível em: <https://acervo.popa.com.br/docs/tecnicas/nos.htm>. Acesso em: 17 dez. 2020.

O primeiro nó que evoco é o nó de atracação ou de cabestan, pois institui-me em ligação com o sentido fundante dos laços e nós que estabeleci com o meu ser de carne, expressos no Diário íntimo. A ação manifestou em meu ser de imaginação um momento de revisitar a primeira viagem, o meu nascimento e o tema morte. Tratando-se de um “momento-charneira” para o trabalho, pois é a partir dele que emerge um processo de escrita criativa e intelectualmente libertadora, a medida em que eu, o sujeito da narrativa vou me compreendendo no processo de escrita experiencialmente formativa. O desafio posto pela abordagem biográfica é de uma “prática epistemológica do sujeito cognoscitivo que serve de referência” para uma aprendizagem intelectual (JOSSO, 2002, p. 91).

As simbolizações do Diário íntimo dão condições para construir um corpo biográfico, o ponto de partida para encontrar: os lugares do itinerário escolar e novos territórios revelando uma nova consciência. Dando uma narrativa mais reflexiva circunscrita pelas andarilhagens durante o tempo de escolarização da educação básica à pós-graduação. Por isso, o matiz do trabalho é de formação existencial que

adquiri na consciência existencial sobre a minha própria vida singular, proveniente de uma caminhada intelectual, pessoal e profissional. Para melhor organização sistematizei os laços e seus respectivos nós na figura abaixo para facilitar a leitura desses lugares e como eles representam a minha escolarização.

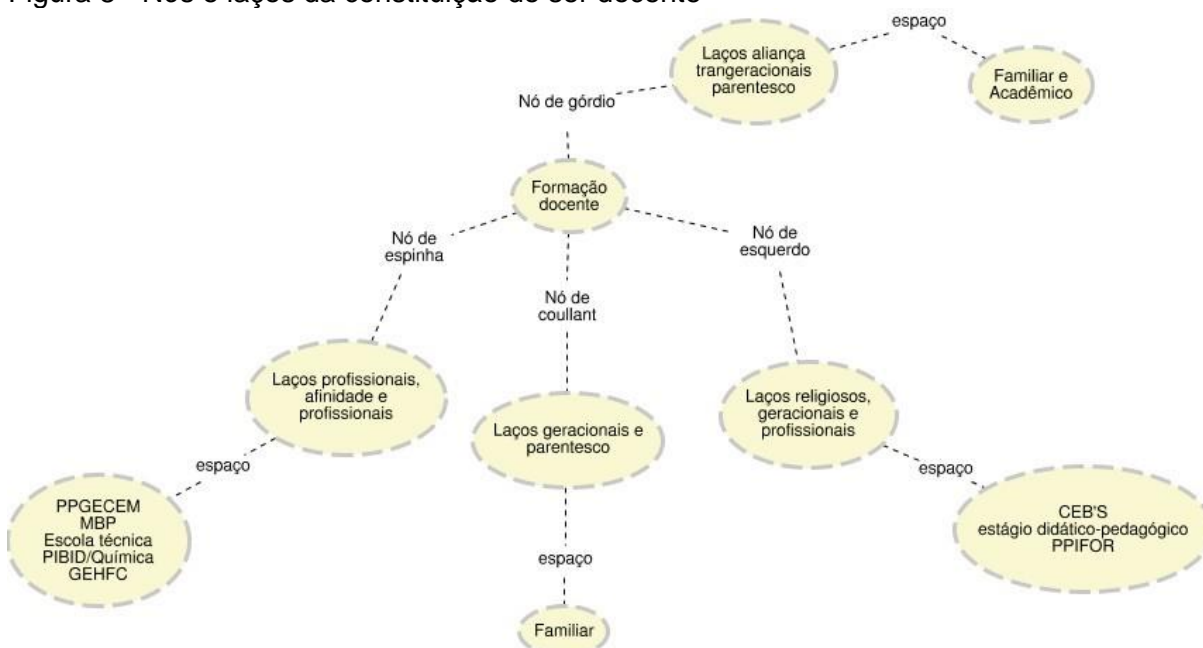
A tomada de consciência dessas dimensões formadoras demonstra que em meu itinerário escolar os laços transgeracionais, os laços de parentesco, os laços de aliança me ligam a história como um “nó górdio” simbolizando que a eles estabeleço uma relação forte e que me endereçam à minha história de vida. A minha escolha profissional por ter sido de modo inconsciente e que somente no percurso da escolarização foi se esclarecendo, colocando-me em uma situação de desistir ou permanecer, nela, sinto-me ligada a um “nó de coullant ou do enforcado”, pois a situação que me encontrei foi de difícil decisão. Conseqüentemente, a graduação foi um espaço de luta e persistência tendo que conciliar trabalho e estudos, e a saída encontrada foi mergulhar nos estágios didático-pedagógicos da graduação, no colégio Nobel e no Proinício, como no MBP, em cada etapa para garantir a sobrevivência em sincronicidade com a escolha profissional, ganhando experiência e consciência sobre o meu fazer como professora de química. Mas, a virada de consciência veio quando surgiu aquele querer de fato estar na profissão despertado no PIBID de Química e no GEHFC, consolidando uma aprendizagem do ofício como professora de química. Esses espaços existenciais me ligam à história escolar por um “nó de espinha”, pois os laços de amizade e de afinidade me ajudaram a perceber o ofício, a criar uma identidade profissional, colocando-me em contato com uma prática docente de filiação pedagógica de natureza emancipatória e libertadora.

Além disso, outra etapa se inicia com a vontade de continuar os estudos, no mestrado do Mestrado em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar (PPIFOR) em Paranavaí, mas não saindo como planejei. Assim como tive que romper com a CEB's ao mudar de cidade para continuar os estudos, naquele momento do mestrado a situação financeira e a falta de afinidade com o programa culminou no desligamento dos sonhos e projetos. A escolha naquela circunstância me fez um “nó de esquerdo”, pois tive que abrir mão do projeto de vida e em contrapartida acolher o que a vida me proporcionava de melhor. Seguir com a parte boa que era de estar na sala de aula, pois era o que desejava, e a escola técnica me acolheu religando-me a história por um “nó de espinha” me proporcionando estabelecer com os meus pares laços

profissionais, que se tornaram de amizade e afinidade. Nesse caso, compreendo como acontecimentos chamados de momentos charneira¹⁹, aqueles momentos decisivos em que devemos fazer escolhas.

Senti-me confrontada em ter que escolher, pois não tinha condições financeiras de levar o mestrado e naquele momento o trabalho que estava desenvolvendo ia ao encontro das minhas expectativas. A retomada do projeto de vida de continuar os estudos no mestrado veio em Ponta Grossa, as coisas foram acontecendo, e devo a esse religare, ao laço de aliança que me trouxe a esse lugar. Às minhas orientadoras que me acolheram me ligando novamente a história por um “nó de espinha”, podendo assim ter a oportunidade de revisitar o meu itinerário escolar e tecer essas reflexões em torno do ser professora que me constitui. Portanto, os laços e nós evocados (figura 8) nesse meu itinerário escolar revelam uma figura de ligação, que me liga, desliga e religa aos elos da história diante das circunstâncias da vida.

Figura 8 - Nós e laços da constituição do ser docente



Fonte: Autora.

¹⁹ [...] designados como tal porque o sujeito escolheu - sentiu-se obrigado a - uma reorientação na sua maneira de se comportar, e/ou na sua maneira de pensar o seu meio ambiente, e/ou de pensar em si por meio de novas atividades. Nesses momentos-charneira, o sujeito confronta-se consigo mesmo. A descontinuidade que vive impõe-lhe transformações mais ou menos profundas e amplas. Surgem-lhe perdas e ganhos e, nas nossas interações, interrogamos o que o sujeito fez consigo, ou o que mobilizou a si mesmo para se adaptar à mudança, evita-la ou repetir-se na mudança (JOSSO, 2010, p. 70).

7 SÉTIMA CARTA: UM OLHAR IMAGÉTICO DO SER DOCENTE DE QUÍMICA

À Adair e Josie, Leila, Bettina e Flávia, saudações

É com muita satisfação que compartilho as cartas que recebi das professoras Leila e Bettina ao longo da escrita do meu itinerário. Essas cartas são o produto de tantas idas e vindas das leituras que fizemos. A primeira carta é da professora Leila. Sua interpretação resgata o fio condutor do tecido social de minha história formando passagens, paisagens e percepções que dão sustentação à formação do ser docente que sou em devir. O texto com toda a sua textura vem acompanhado de um desenho feito por ela. Trata-se de uma aquarela intitulada de “O eu entre os nós”. Exatamente, somos tecidos de nós traçados e cores que expressam o meu devir ao longo do itinerário. Nos levando a concordar que antes de respirar, antes de ver todo o azul do mar, tecemos relações. A obra é esboçada em grafite e aquarela em uma única sequência de traço, um emaranhado de diversos modos.

Por outro lado, a carta da professora Bettina é um esboço rico em giz que nos faz lembrar que o trabalho é coletivo, é sagrado ao envolver educandos e educadores em uma rede partilhada de braços dados. A primeira vez que vi o esboço o efeito da textura do giz de cera me proporcionou uma sensação de equilíbrio e acalento ao ver nos corpos próximos passando a ideia de unidade. Por isso, a escrita de si é uma figura de ligação que simboliza o compromisso entorno da sacralidade da história. Pois, estamos em uma rede partilhada em ligação neste trabalho de pesquisa em alguns momentos mais próximos ou distantes. Mas, o que importa é termos a consciência de nosso endereço na história. Esses traços me introduzem a outra reflexão, a da partida. Em algum momento esses laços se desfazem, pois não é possível viver atado ao nó de górdio e é preciso partir. O que nos resta é a saudade dos momentos bons, das conversas, das vivências e experiências que tecemos na convivência.

À Flávia, Leila, saudações

Em abril de 2020, em meio à pandemia que ainda vivemos, um texto chegou às minhas mãos, ou melhor, à minha tela. Um texto construído com o pretexto de ser uma dissertação, mas que na verdade, além de um texto para a qualificação de um

mestrado em Ensino de Ciências, é um profundo alvorecer de uma mulher, de uma professora, de uma escritora, de uma futura mestra. Tantos dias, tantas noites, tanta solidão na formação. Ao mesmo tempo, tantos encontros, tantas experiências, tantas aprendizagens aguardando (re)significação. Ao ler aquele texto, senti que ele podia ser expresso de muitas formas e fiz um desenho aquarelado que enviei a ti, Flávia, com a descrição que está seguir.

Figura 9 - O eu entre os nós.



Fonte: Acervo pessoal de Leila Inês Follmann Freire.

A figura do rosto de mulher representa a própria autora da pesquisa, cujo esboço foi desenhado a lápis em que uma única corda (com uma sequência única de traço), que representa a história de vida da autora, é amarrada e emaranhada de diversos modos. Na corda foram feitos vários nós, como descritos na dissertação, iniciando pelo nó direito, o início de sua narrativa, que começa pelo falar de si, em diversos momentos do período domestrado. A partir dos primeiros registros vão se constituindo outros olhares e entendimentos, representados pelos nós de pescador simples e duplo.

Esses nós (direito, pescador simples e pescador duplo) juntamente a alguns emaranhados da corda constituem os traços do rosto, como boca, olhos e nariz, perpassando outros sentidos, além da visão, remetendo alguns modos como se compõem nossas memórias: olhar, sentir o cheiro e o sabor.

A partir do primeiro nó se estabelece a narrativa, ainda 'frouxa' no entrelaçar das ideias. A partir de novos olhares se entende melhor a narrativa, como os nós de pescador que representam essas amarras mais fortes e bem elaboradas.

Esse 'olhar' feito para a história de vida revela vários nós que se constituem ao longo da história de vida da autora, que percorre sua corda em diferentes esferas da vida (pessoal e profissional) e em diferentes tempos (infância e vida adulta) e espaços. Na representação da mulher a corda agora avança para representar os cabelos, traço típico da autora e, em várias culturas, característica da figura da mulher. Ali, várias histórias, situações e pessoas vão sendo reveladas, bem como algumas permanecem escondidas entre os cachos, assim como em uma narrativa nem tudo se revela.

Nos cabelos da figura da mulher tem-se vários nós na corda, bem como a representação por meio de várias cores da aquarela.

O nó de collant representado junto as tonalidades de roxo e preto representam o momento de escolha profissional.

O nó esquerdo em tonalidades de nude e rosê representam os estágios no Nobel e Proinício, bem como o PPIFOR.

Nas tonalidades de azul temos o nó górdio, onde estão representados os laços geracionais, de parentesco, religiosos e de aliança (há uma representação de pessoas que são destacadas nas narrativas por meio de pequenos traços).

Um esboço de falçaça, que une as duas pontas da corda que representa a história de vida narrada, está na parte superior dos núcleos das cores azul, vermelho-magenta e amarelo, representando as amarrações que vêm sendo feitas entre as pontas da corda (histórias narradas) até o momento. Essas amarrações estão em construção.

Um círculo menor, na mesma tonalidade de azul representa o laço de amizade construído no período de estágio no MBP.

As tonalidades de amarelo, que também tem integração (integrando cores no tingimento de aquarela entre azul e amarelo, resultando em nova tonalidade) com os núcleos azul e vermelho, representam a experiência na escola técnica (com pequena representação em aquarela de uma 'escola', num tom intermediário entre amarelo e vermelho).

O núcleo de tonalidades vermelho e magenta, que se integra com os núcleos amarelos e azuis, representa as experiências com PIBID, o GEHFC e o PPGECEM, que de certo modo, junto à experiência na escola técnica, compõe o cerne da identificação profissional, permeada pelas vivências no 'núcleo azul'. Nesse núcleo vermelho-magenta temos a representação de dois traços e uma forma triangular que remete à autora e seu esposo e as histórias que construíram juntos. Em tonalidade magenta temos dois pequenos traços juntos que representam as orientadoras relatadas nas narrativas.

Entremeando os núcleos azul e vermelho-magenta há a representação do nó de espinha, aquele que dá sustentação à história de vida, insinuando que aquilo que foi representado nestes núcleos (que estão intimamente ligados ao núcleo amarelo) compõe o cerne da identificação pessoal e profissional da autora, mulher, representada na figura.

Nos espaços e traços que representam o cabelo da mulher há espaços com colorações em que o núcleo de cores e tonalidades não é definido na forma circular, mas contemplam elementos da cor, insinuando que há elementos daquele núcleo não explorados e representados, como em qualquer narrativa da(s) história(s) de uma vida.

Na parte inferior da imagem, tem-se a representação do mar que reflete parte da figura da mulher. Mas, também, revela a figura da mulher que emerge da experiência como mar, que renasce da experiência com o mar.

Agora, em novembro de 2020, ao finalizar tua pesquisa, teu olhar e reolhar, vejo que todos aqueles dias, aquelas noites, os encontros, as experiências e as aprendizagens (re)significadas foram tuas, foram minhas, da Bettina e de cada um que sedispõe a pesquisar as histórias de vida e formação e aprender com elas. Muito mais que representar para além da escrita, você e sua história Flávia, fizeram ecoar em mim traços da minha formação. Cada vez mais, Paulo Freire faz muito sentido: vamos esperar!

Gratidão Flávia!

À Flávia, Bettina, saudações querida Flávia

Numa tarde qualquer, estava eu, desempenhando minhas atividades na escuta de futuros/as mestrandos/as que contavam sua vida e suas expectativas acadêmicas, eradia de entrevista do mestrado. Uma moça de cabelos encaracolados bate à porta, de forma tímida pergunta se pode entrar, segurando um bolsa nas mãos, a menina sentou, começaram os questionamentos. Eu fiquei surpresa com a menina falante, cheia de energia e sonhos, que veio de outra cidade junto com seu companheiro na busca de conhecimento. Logo, eu e Leila nos entreolhamos seria essa a nossa menina, a menina da orientação. Naquele momento, não imaginava tudo o que passaríamos juntas, quanta aprendizagem, desconstruções, preocupações, nesse contexto de idas e vindas, indefinições, fomos construindo nossos laços.

Minha primeira desconstrução enquanto orientadora foi quando recebi um de seus textos, que ainda eram descrições de um diário em desordem. Fiquei assustadíssima, preocupadíssima, não vou conseguir orientar, não sei por onde caminhar, minhas dúvidas eram enormes, queria eu entrar naquele seu MAR e conseguir me reelaborar enquanto pessoa e orientadora, quis desistir, mas não consegui, laços estavam sendo criados e nós atados. Mas de forma recorrente me questionava: como posso orientar essa menina?

Nesse processo foram desatados os laços das certezas, o que me possibilitou novos olhares para a pesquisa. Tive um feliz encontro com Marie Christine Josso, ela

me permitiu olhar para sua pesquisa e significá-la, perceber que os laços são criados, desatados e ressignificados ao longo de nossas andarilhagens, e vamos assim nos constituindo enquanto indivíduos. Ao ler seu trabalho, leio você Flávia, sua história de vida, mas também me leio, minha história de vida, e vou resgatando minha constituição docente.

Um nó de atracação foi feito nesse processo que juntas, Eu, você e Leila vivemos, passamos por tempestades, e o nó não afrouxou, agora ao fim dessa dissertação ele será desatado facilmente, cada uma de nós ficará com um pedaço da corda, em que o elo simboliza nosso laço comum no processo e o que fica livre simboliza a liberdade de nos ligarmos ou religarmos aos outros, segundo nossas escolhas. Elos que nos vão dando a forma.

Junto a essa carta te encaminho a obra “ser no mundo”, feita em papel algodão e bastão de giz a óleo, essa obra foi criada após uma das leituras de sua dissertação, que me marcou e me fez pensar que não sou uma, mais muitas, e para além estou em permanente constituição um ser feito de imaginação, criatividade, afetividade, de ação, de carne, de cognição, de emoção, de memória, EU ser no mundo.

Gratidão Flávia.

Figura 10– Ser no mundo



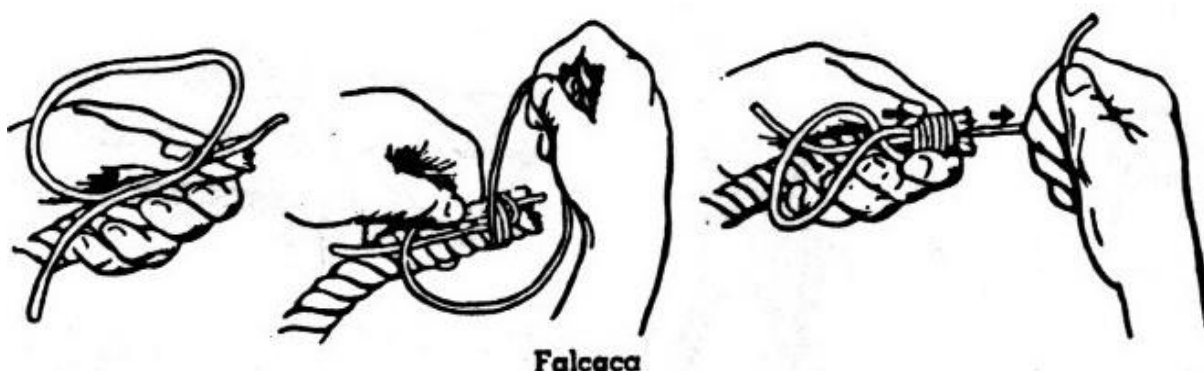
Fonte: Acervo pessoal de Bettina Heerd.

8 OITAVA CARTA: AS FALÇAÇAS

À Adair, Josie, Leila e Bettina, Flávia, saudações

Trabalhar com as professoras Leila e Bettina foi um trabalho intenso de desconstrução e construção de minha identidade docente e pessoal. Foi sair da zona de conforto e romper com fronteiras impostas por paradigmas de como pensar e fazer a pesquisa docente. Exatamente isso que aconteceu, contar a mim mesma o meu itinerário escolar foi uma estratégia para construir minha identidade. Visto que a narrativa não só expressa importantes dimensões da experiência vivida como também medeia a própria experiência e configura a construção social da realidade²⁰.

Figura 11 - Falçaças



Fonte: RIBEIRO, Danilo Chagas. **Porque um site náutico tem que ter nós**. Disponível em: <https://acervo.popa.com.br/docs/tecnicas/nos.htm>. Acesso em: 17 dez. 2020.

Todos os laços tramados no nó direito e de pescador deram as falçaças, a reflexão biográfica. Para fazê-la nesta carta escreverei retomando ideias já discutidas nas outras cartas a fim de responder à pergunta: Como o experienciar diferentes lugares constituíram o ser docente de Química?

Foi a saída à procura de nós e laços e seus respectivos lugares que me deram condições para elaborar uma figura de ligação revelando os motivos da escolha profissional, a relação de pertencimento com a profissão docente, as filiações

²⁰ Narrar a sí mismo o a outros lo que ha sido o va a ser el proyecto personal de vida es una estrategia para construir um identidad. La narrativa no sólo expressa importantes dimensões de la experiencia vivida, sino que, más radicalmente, media la própria experiencia y configura la construcción social de la realidade (LARROSA, 2004, p.34).

pedagógicas, a minha espiritualidade, os estágios profissionais dando a configuração da minha identidade docente.

8.1 A constituição do meu ser docente de Química

O que define a minha identidade são os lugares a que pertenço. Lugares que transitei ao longo do itinerário escolar ancoraram-me em uma escuta consciente de fragilidades, medos, mas também de fortalecimento.

Nesse percurso de resgatar laços e nós percebo-me engajada na docência de diferentes maneiras. Me engajei na elaboração de práticas pedagógicas desenvolvidas na escola técnica para jovens e adultos. Lugar em que ocupava no sistema educacional na função de professora das disciplinas de Química-Analítica e Geral.

A rescisão do contrato com a SEED/PR que durou um ano, o desemprego me solapou profundamente e a decepção veio por não poder levar o projeto de prática de ensino crítico-progressista de vertente emancipatória e libertadora em sala de aula a diante. Todavia, esse mestrado me dá por outro lado a oportunidade de continuar o trabalho docente por meio da pesquisa, concebendo-me como o lugar da reflexão sobre o vivido e o experienciado, de rever atitudes e posicionamentos. De compreender, o porquê de estar filiada a práticas pedagógicas desta natureza e me conceber como uma professora e pesquisadora que em sala de aula fomenta projetos de pesquisa com o intuito que os alunos consigam abstrair os conceitos químicos por uma via mais holística e interdisciplinar.

Em que o ponto de partida é a problematização e a contextualização de problemas emergentes atrelados ao cotidiano, para assim investigar o objeto de conhecimento proposto, levando-os a adquirir uma consciência crítica por via da razão não somente sob os impactos da ciência química em nossas vidas, mas também sobre o fazer do Químico e do técnico em química, chamando-os para a responsabilidade social, política e sustentável que o tempo presente nos exige.

Penso que o meu itinerário escolar interligado a minha entrada na docência é uma via para compreendermos, por meio dos lugares e os laços que estabeleci com as pessoas, como se deu a constituição da minha postura docente.

8.2 Os lugares que contribuíram para a constituição meu do ser docente

Entendo a partir das narrativas que diferentes lugares colocaram em contato com a docência, foram fundamentais para adquirir a consciência sobre a minha profissão de professor de química. Esses diferentes lugares foram: as disciplinas pedagógicas, estágio na graduação, o Museu da Bacia do Paraná (MBP), o estágio no Proinício de química, no Colégio Nobel como monitora da disciplina de química, o PIBID – Química, o Grupo de Estudos de História e Filosofia da Ciência – GEHFC e o início da carreira como professora das disciplinas de química geral e analítica na escola técnica no curso técnico de química. Portanto, esses são os diferentes lugares formais e informais de atividades extracurriculares que me proporcionaram a me perceber na profissão docente e a criar uma identidade profissional de como concebo no ensino de química²¹. Essa identidade foi se configurando à medida que estabeleci laços de pertencimento do tipo: laços de amizade, de afinidade, de lealdade, de apego, geracionais, transgeracionais, de parentesco, de aliança, religiosos e profissionais, se transformando em laços concretos.

Desse modo, o que me constituiu na profissão docente foi o fato de sempre estar junto a pessoas que estabeleceram comigo uma relação de dialogicidade, compartilhando experiências, por isso me sinto ligada a elas por diferentes nós. Esses vínculos geraram em minha teia histórica nós e laços esboçados no nó de pescador que me ensinaram a acreditar e a adotar no trabalho docente uma prática de ação colaborativa ou coletiva flexibilizando sempre que possível os recursos e currículo a serviço da aprendizagem dos alunos.

A maneira como concebo a prática atualmente é proveniente de todas as relações estabelecidas de convivência em todos os espaços descritos na narrativa,

²¹ Mortimer (1999) esclarece que a formação continuada e inicial de professores de química tomando a pesquisa como perspectiva nos leva a entender que o “ser professor de química” é o profissional que trabalha com a docência e a pesquisa química na universidade e o fazem dicotomizar em habilitações bacharéis ou licenciados. A formação de professores para ambas as habilitações é unilateral. É mais comum olhar criticamente ao despreparo dos cursos de Química em relação a parte didático-pedagógico dos professores universitários. Mas, o despreparo dos professores em conhecimentos de Química também existe. Afinal, ensinar sob uma perspectiva interdisciplinar ou transdisciplinar requer problematizar os conhecimentos em torno de problemáticas e são abordagens emergenciais nas universidades. Realmente Maldaner, o despreparo pedagógico afeta muitos futuros professores que serão formadores. Mas, o científico também não é. Os formadores de professores em todos os níveis de ensino precisam ter a “oportunidade de problematizar a sua atividade profissional” (MALDANER, 1999, p. 290).

desde a formação adquirida empiricamente nas CEB's. Portanto, esses laços estabelecidos com os pares em diferentes momentos do meu itinerário escolar forjam o meu estilo de ser professora de química, a maneira como planejo minhas aulas, como percebo as carências de aprendizagem dos alunos e como reinvento minhas ações pedagógicas. Se ensinar é caminhar com algum ideal, o meu ideal de educação alicerça-se em uma pedagogia da emancipação, da libertação do indivíduo, tendo como primícias que os educandos podem e devem ser sujeitos históricos de si, e não objetos. Por pensar assim, na minha práxis situo o educando e o professor como parte do processo educativo e por esse ponto de vista é decisivo que se instituem vínculos entre os aprendentes e que eles busquem ser autores de si mesmos.

A práxis relatada no nó direito quando foi posta em Prática desafiou o modo de funcionar da escola técnica. Visto que por meio das atividades me propus a ensinar os conteúdos por uma via mais crítica. No caso, instiguei os educandos a diagnosticar no espaço escolar as condições de insegurança do laboratório tendo como suporte teórico as portarias de normatização e manuais de segurança. Portanto, a pedagogia crítico-progressista exigiu uma postura ética e ambiental coerente, tanto por parte do professor, quanto por parte do educando e, também, daqueles que fazem a gestão dos espaços da escola. Portanto, adotá-la é ter uma atitude revolucionária.

Esse modo de conceber o ensino de química²² foi se refinando nas disciplinas da graduação, no espaço do PIBID – Química e na escola técnica, pois quando ingressei no curso tinha uma certa consciência, mas sem teoria. A habilitação em licenciatura me ensinou a ser professora de química e a pensar nas realidades sociais, políticas e ambientais. Os estágios reforçaram essa visão à medida que me engajei em projetos que valorizavam a formação docente. Portanto, os laços que tecemos na profissão docente dependem muito do ambiente de formação e atuação docente, da

²² Schnetzler destaca contribuições na trajetória da pesquisa em Ensino de Química nos seguintes temas: a) processo de ensino-aprendizagem em Química; b) abordagem do cotidiano e contextualização de conhecimentos químicos; c) contribuições para o ensino médio e para o ensino superior; d) desafios para melhorar a formação docente em Química. A Maldaner destacou a importância do processo de formação do educador químico. Marcondes destaca três avanços importantes na área: a) contribuições da Pós-Graduação para reflexões e ações na melhoria do ensino de Ciências; b) produção de livros que têm subsidiado a formação inicial e continuada de professores, bem como a produção de livros didáticos inovadores; c) participação de grupos de Ensino de Química nas políticas públicas educacionais. Zanon apresenta como tendências curriculares atuais no ensino de Ciências/Química a contextualização e a interdisciplinaridade. No caminho da interdisciplinaridade, Chassot propõe um ensino de Química menos disciplinar e mais transdisciplinar. Em seu texto, destaca que a história da ciência pode ser catalisadora de propostas transdisciplinares (SILVA; PORTO, 2013, p. 1571).

proposta de trabalho, dos recursos e principalmente do engajamento de nossos pares. Por isso, a forma como me concebo professora de química me sinto desligada do meu ofício quando estou em ambientes de professores que não discutem eticamente sobre como trabalhar os conteúdos ou quando não há espaço para compartilhar experiências que deram resultados positivos ou negativos de experimentos de leituras ou de bancada que levaram os educandos a conceber a ciência química de forma mais holística. Aprendendo nos diferentes lugares uma maneira de ser e estar na profissão.

8.3 Reflexão sobre o trabalho docente sob o prisma da história de vida

A realidade escolar me exigiu uma prática docente construindo um ambiente escolar de alteridade solidária e respeitadora servindo de base à construção de uma ética entre educadores e educandos. À serviço de uma formação docente consciencial em busca da construção de uma cosmo-estética articulando a busca de felicidade e a busca de conhecimento (JOSSO, 2002). Mesmo que não sejam avaliáveis, lancei meu olhar e postura para estas buscas à serviço do projeto de escola de prática libertadora.

As duas buscas se fizeram mais presentes quando consegui estabelecer vínculos com os pares (alunos, professores e equipe pedagógica). Abrindo possibilidades para uma convivência onde ocorreu integração, diálogo, colaboração e partilha de experiências da práxis que retroalimenta em ambas as partes ressignificações sobre o trabalho docente. Isso emergiu os sentidos sobre o fazer docente aguçando do espírito investigativo em busca de conhecimento. Pensar e agir dessa maneira no ofício docente é uma outra via de acesso à valorização do trabalho docente, cujo resultado é o conhecimento mais aprofundado sobre o que ensinamos e como ensinamos.

Pode-se, notar que as formas socioculturais que se manifestam em meu ser no mundo e em relação com o mundo exigem simultaneamente que a minha atenção consciente se articule com as buscas existenciais, que consiste em práticas que demandam das minhas potencialidades como de calma mental, um silêncio necessário para criar uma distância em relação a agitação exterior para acessar o eu

interior daquilo que é posto como necessário ser feito e pensando no presente da realidade escolar.

Desse modo, a ligação entre a atenção consciente e a busca de sentido associado a busca de si passa por uma prática de mediação da realidade que permite emergir do silêncio do ego o sentido que se deseja atingir de resultado. O resultado de uma postura interior requereu-me uma consciência da consciência conduziu-me a saber viver comigo mesma e com os outros. Este processo me proporcionou transformações de meu estar no mundo e do meu ser no mundo, estabelecendo ligações entre as buscas que são compreendidas à medida que alcançava o devido distanciamento, que culmina ao longo da travessia de narrar-se em uma busca de sabedoria proveniente das relações estabelecidas em ligação com os outros do meu processo de formação.

9 NONA CARTA: A PARTIDA

Aos professores (as)

O desafio dessa pesquisa em investigar os lugares da minha história de vida escolar me oportunizou compreender que os elos que me dão forma estão alicerçados nas experiências da minha infância, da formação inicial à continuada no início da carreira docente. Há no tempo e no espaço um predomínio na rememoração de questões existenciais acerca da espiritualidade; demonstrando uma busca de sentido ao relatar a interação com o mar da vida com ímpeto de criança até transformar-se em adulta e um indagar de mulher sobre a morte. Me encontro com um projeto social que tenho guardado no meu peito, agora encontrado ao longo dessa escrita, o ser de vontade de uma alfabetizadora de mim mesma por meio da leitura e da escrita, o sonho em ser escritora. Mas, sou humana e vivo de tensões dualísticas entre o eu interior e o exterior. Entre os projetos dos meus sonhos interiores e as condições reais que a vida dispôs quase impossível de concretizá-los.

A busca da espiritualidade na formação religiosa cristã, cuja base é a Teologia da Libertação das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) praticada na adolescência é um projeto distante de mim, pois já não me encontro naquele lugar da memória. Todavia todos os lugares narrados me imprimem uma postura pedagógica na carreira docente, que expresso na práxis, cujo os sentidos advêm: da trajetória escolar na alfabetização que me reservou um processo doloroso conforme podemos notar na escrita poética do diário; a escolha profissional de curso de graduação foi induzido por laços familiares; a vida acadêmica concomitante com o trabalho me fez esculpir uma posição social; os lugares memórias na iniciação à docência no PIBID me oportunizou a ter acesso a leituras e convivências de como me constituir na academia nos congressos e nos espaços de fomento da pesquisa; no GEHFC tentei junto com meus pares pôr em prática um grupo de pesquisa; no início da carreira docente na escola técnica de nível médio coloquei algumas ideias da pedagogia da liberdade em prática fomentando a participação livre e crítica dos educandos jovens e adultos. Ancoro-me, portanto na Pedagogia da Libertação de Paulo Freire uma perspectiva de escola e de mundo ao colocar-me de frente de demandas atuais e de

reivindicações urgentes. Em que a aprendizagem é a “tomada de consciência da situação real vivida pelo educando” (FREIRE, 1967, p.05).

Diante dos confrontos da vida cotidiana, o fracasso escolar da graduação, a dificuldade de me inserir no mercado de trabalho, a dificuldade de conciliar trabalho estudo vai configurando uma rede complexa de relações de meu ser, caminhando no mundo, por isso há uma busca de si e de nós emaranhada de aspectos psicológicos, sociais e históricos. O equilíbrio do ser carne é afetado, assim como a imaginação, a afetividade e as emoções levando-me a equilibrar-me em busca da felicidade diante das contradições. A busca de conhecimento na graduação, mais especificamente no PIBID, e no GEHFC a necessidade de encontrar na história da ciência as dúvidas e questionamentos acerca da natureza das teorias científicas da Ciência Química estudadas na graduação.

As reflexões que são tecidas no decorrer do texto mostram que as memórias registradas no diário íntimo, apresentam um vasto material de produção (auto)biográfico. Narrativas que expressam conhecimentos que fui adquirindo no percurso da pesquisa.

Portanto, relatar a própria história de vida, possibilitou-me como professora aprendente em formação acessar lembranças, relacioná-las com os elos que lhe deram forma no percurso formativo em dialogicidade constante. Pois, contar as experiências foi um processo que desenvolveu as potencialidades de resolução de problemas os quais são impostos pelo cotidiano, que requerem inúmeras retomadas e reflexões, até atingir uma rede de fios que dessem uma forma compreensível de leitura. Nesse sentido, os registros no diário sobre o percurso de vida promoveram o reconhecimento de si a partir da reflexão de meu itinerário. Visto que, possibilitou a percepção identitária em um coletivo. E a compreender como o processo de reconstrução pessoal e profissional se imbricam nas experiências e aprendizagens.

Em síntese, pode-se afirmar que há uma intrínseca relação entre os lugares formadores da minha existencialidade com o meu ser docente. Por isso, da valorização das narrativas como processos emancipatórios, como prática libertadora, em que as experiências na formação se justificam somente se permitirem aos professores, narrar e compreender a historicidade de suas aprendizagens e a construir uma imagem de si próprios como sujeitos históricos.

Visto que a consciência histórica é uma maneira de autoconhecimento, que se torna uma possibilidade de libertação, dando à formação uma natureza de processo interior, fortalecendo as histórias de vida, os ciclos de vida, dando sentido à existência e, além disso, a um coletivo. Portanto, se submeter a autoformação implica descobrir os pressupostos cognitivos nas interpretações no percurso, tirando das experiências lições para melhor se conhecer como sujeito histórico.

Diante do que foi explicitado, muito se tem feito, porém existe a necessidade de colocar e manter os professores no centro dos debates sobre sua formação e as relações entre o eu existencial e o eu profissional. Debates em que a pesquisa educacional necessita para ressignificar seus sentidos, para que seja prioridade a formação humana, dando voz aos professores.

A pesquisa autobiográfica é um importante mediador para a ressignificação das experiências permitindo ecoar no tempo e no espaço a voz de professores, protagonistas de suas experiências de vida, enquanto sujeitos históricos construtores em uma rede partilhada de conhecimento e de vivências (GOODSON, 1995).

Mesmo que a partir dos anos 2000 (PASSEGI; SOUZA; VICENTINI, 2011) houve o fortalecimento da pesquisa (auto)biográfica em Educação no Brasil a questão que fica em aberto até mesmo como um problema de pesquisa de doutorado é: Como a abordagem biográfica pode ser implementada nos cursos de formação de professores de química? No sentido de mediar o processo de formação a fim de contribuir para que os estudantes de licenciatura ainda na graduação historicizem suas histórias de vida significando suas escolhas profissionais e tomem consciência de suas posturas docentes em processo.

A abordagem biográfica foi uma potencial via de fazer cultura e história, nascendo uma consciência histórica sobre meu itinerário escolar. Por isso que é elementar estimular o sujeito histórico a assumir os riscos e limites na linha que divide entre o conhecimento e o desconhecido, a sair da zona de conforto e a lutar por liberdade, a criar e a indagar. Foi nesse sentido que assumi a escrita de si autobiográfica como transformadora e construtora da identidade docente, ciente que sem risco não haveria cultura, tampouco organização da história (FREIRE, 2013).

Seguirei comprometida com a realidade de tantos jovens e adolescentes carentes de alfabetização na educação com outra postura sobre a formação. Então,

seguir após esse mestrado na sala de aulasó se faz sentido com um projeto de escrita sensível dessa realidade. Assumir a escrita como um canal de partilha de minhas experiências sobre as coisas da vida e em ser docente em Química pode ajudar a fazer com que outras pessoas também compreendam que não estão sozinhas.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Júlio Carlos; AGUIAR, Renata de Melo. A evolução dos reagentes químicos comerciais através dos rótulos e frascos. **Química Nova**, São Paulo, v.27, n.5, p.837-844, out. 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14725-4**: Produtos químicos – Informações sobre segurança, saúde e meio ambiente. Parte 4: Ficha de informações de segurança de produtos químicos (FISPQ) – Referências: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2009.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 5. ed. Campinas: Papirus, 2005. 111 p.

AULER, Décio; DELIZOICOV, Demétrio. Alfabetização científico-tecnológico para quê? **Ensino Pesquisa em Educação e Ciências**, v.3, n.2, p.105-116, 2001.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003. 314 p.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. 242 p.

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. Rio de Janeiro: Betrand Brasil S.A., 1994. 97 p.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves. **O diário de pesquisa**: o estudante universitário e seu processo formativo. Brasília: Liber Livro, 2010. 103 p.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: Observações acerca da obra de Nicolau Lescov. *In*: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1980.p. 63-81.

BOIS, Danis. Da Fasciaterapia à Somato-psicopedagogia: análise biográfica do processo de surgimento de novas disciplinas. *In*: BOIS, Danis; JOSSO, Marie-Christine; HUMPICH, Marc (org.). **Sujeito sensível e renovação do eu**: as contribuições da Fasciaterapia e da Somato-psicopedagogia. São Paulo: Paulus, 2008. p. 43-74.

BOMFIM, Adriana Pereira. **Profissão docente**: laços de pertencimento e identidade. 2015. 195 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria Nº 46**, de 11 de abril de 2016. Disponível em:<encurtador.com.br/dlpAX>. Acesso em: 24 set. 2019.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Enc. Bibli.** R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, n.12, p. 32-44, 2001.

CANAN, S. R.; Política Nacional de Formação de Professores: Um Estudo do Pibid enquanto Política de Promoção Docente. Anais. **Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul** (IX ANPED SUL). 2012, 13 p.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 351 p.

CHALMERS, A.F. **O que é ciência, afinal?** São Paulo: Brasiliense, 1999. 227 p.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. **Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales**. Buenos Aires, Año 1, n. 1, jun. 2008. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>
Acesso em: 22 out. 2020.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da Geografia. *In*: CASTRO, Ina Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **GEOGRAFIA: conceitos e temas**. 7 ed. Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil, 2005. 352p.

DIAS, E.D.S; OLIVEIRA, Flavia R.; ROCHA, L. S.; KIOURANIS, Neide M. M. Explorando a problemática da cárie como uma alternativa para o ensino de equilíbrio químico. *In*: CONGRESSO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO QUÍMICA (III CPEQUI), 3., 2013, Ponta Grossa. **Anais [...]** Ponta Grossa: UEPG, 2013a. Disponível em: <https://3cpequi.wixsite.com/2013>. Acesso em: 3 maio 2020.

FOUREZ, Gerard. **A construção das ciências: introdução à filosofia e a ética das ciências**. São Paulo: UNESP, 1995. 319 p.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 13.ed. São Paulo: Cortez, 1982. 87 p.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 18.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 203 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 45.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. 157 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 318 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000. 63 p.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. *In*: NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. 2.ed. Porto: Porto Codex, 1995. p.63-75.

JOSSO, Marie-Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e Pesquisa**, v. 32, n.2, p. 373- 383, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. As instâncias da expressão do biográfico singular plural: junção de uma abordagem intelectual à abordagem sensível na busca de doações do corpo biográfico. *In*: BOIS, Danis; JOSSO, Marie-Christine; HUMPICH, Marc (org.). **Sujeito sensível e renovação do eu**: as contribuições da Fasciaterapia e da Somato-psicopedagogia. São Paulo: Paulus, 2008, p.13-40.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito ao sujeito da formação. *In*: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo:Paulus, 2010. p. 59-79.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: EDUCA, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. **Marie-Christine Josso**: “As histórias de vida abrem novas potencialidades às pessoas”. [Entrevista cedida a] Rui Seguro. 05 out. 2008. Disponível em: encurtador.com.br/szPW5. Acesso em: 03 maio 2020.

JOSSO, Marie-Christine. O corpo biográfico: corpo falado e corpo que fala. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v.37, n.1, p.19-31, jan./abr. 2012.

JOSSO, Marie-Christine. Proceso autobiográfico de (trans)formación identitaria y de conocimiento de sí. **Revista Mexicana de Investigación Educativa**, v.19, n.62, p.735- 76, 2014.

KNAPIK, C. M. **Movimento popular de mulheres no Paraná**: 10 anos construindo a vida. Curitiba: Editora Gráfica Popular: CEFURIA, 2005. 72 p.

KRASILCHIK, M. **Prática de Ensino de Biologia**: o professor na sala de aula. São Paulo: EDUSP, 2004. 206 p.

LARROSA, Jorge. Notas sobre narrativa e identidade (A modo de presentación. *In*: ABRAHÃO, M. H. B. (Org.). **A aventura (auto) biográfica**: teoria e empiria. Porto Alegre:EdiPUCRS, 2004, p. 11-22.

LISPECTOR, Clarice. As águas do mundo. *In*: FELICIDADE clandestina: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p.144-146.

MALVEZZI, R. Pioneiros das Comunidades Eclesiais de Base. *In*: DORNELAS, N.; FERRARO, B. (org.). **CEB's**: Raízes e frutos ontem e hoje. Brasília: Scala Ed., 2014. p. 09-10.

MÉSZÁRIOS, István. **A Educação para além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2005. 125p.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Aprendizagem da docência: algumas contribuições de LS Shulman. **Educação (UFSM)**, v. 29, n. 2, p. 33-50, 2004.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2016. 224 p.

NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado**: questões para pesquisa no/do cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 136 p.

OLIVEIRA, C. M.; MANCHILHA, J. C.; ROCHA; L. M. S.; SASSA, L. H.; et al. **Guia de laboratório para o ensino de química**: instalação, montagem e operação. Disponível em:<encurtador.com.br/ahDQ3>. Acesso em: 24 set. 2019.

OLIVEIRA, Douglas B.; OLIVEIRA, Flávia R.; KIOURANIS, Neide M. M. A Arte no Ensino de Química: Violinos, Violas e Violoncelos. *In*: ENCONTRO DO PIBID/UEM - LICENCIATURAS:IMPACTOS E RESULTADOS/ PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA-PIBID, 2., 2013, Maringá. **Anais [...]** Maringá: UEM, 2013c. Disponível em: <http://www.indev.com.br/pibid/>. Acesso em: 03 maio 2020.

OLIVEIRA, Flávia R.; DIAS, E. D. S; ROCHA, Leandro S.; KIOURANIS, Neide M. M. Explorando a problemática da cárie como uma alternativa para o ensino de equilíbrio químico. *In*: CONGRESSO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO QUÍMICA (III CPEQUI),3., 2013b, Ponta Grossa. **Anais [...]** Ponta Grossa: UEPG, 2013a. Disponível em: <https://3cpequi.wixsite.com/2013>. Acesso em: 3 maio 2020.

OLIVEIRA, Flavia R.; OLIVEIRA, Douglas B.; KIOURANIS, Neide M. M.; SILVEIRA, Marcelo P. Análise de uma oficina temática sobre o Refrigerante no contexto da formação inicial no PIBID Química/UEM. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE QUÍMICA (XVII ENEQ), 17.,2014, Ouro Preto. **Anais [...]** Ouro Preto: A integração entre pesquisa e escola abrindo possibilidades para um ensino de química melhor!, Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), 2014. Disponível em: <http://www.eneq2014.ufop.br/files/publico/Anais%20XVII%20ENEQ%20completo.pdf>. Acesso em: 03 maio 2020.

OLIVEIRA, Flavia R.; ROCHA, Leandro S.; KIOURANIS, Neide M. M. Grupo de Estudos em História e Filosofia da Ciência como Espaço de Reflexão do PIBID. *In*: ENCONTRO DO PIBID/UEM – LICENCIATURAS: IMPACTOS E RESULTADOS/ PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA - PIBID,2., 2013d, Maringá. **Anais [...]** Maringá: UEM, 2013c. Disponível em: <http://www.indev.com.br/pibid/>. Acesso em: 03 maio 2020.

OLIVEIRA, Flávia R.; ROCHA, Leandro S.; OLIVEIRA, Douglas B.; KIOURANIS, Neide M. M. Explorando a Problemática da Incineração do Lixo na Cidade de Maringá com Alunos do Ensino Médio. *In*: SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ: O IMPACTO NA EDUCAÇÃO BÁSICA, 1., 2012, Ponta Grossa. **Anais [...]** Ponta Grossa: UEPG, 2012. 1 CD-ROM. Disponível em: <http://eventos.uepg.br/pibidpr/anais.php>. Acesso em: 03 maio 2020.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v.34, p.147-156, maio/ago. 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.27, n.01, p.369-386, abr. 2011.

PIMENTA, Selma Garrido. **Professor reflexivo**: construindo uma crítica. São Paulo: Cortez, 2005.

PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**: Seguido do depoimento de Céleste Albaret a Sonia Nolasco-Ferreira. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016, 96 p.

RIBEIRO, Danilo Chagas. **Porque um site náutico tem que ter nós**. Disponível em: <https://acervo.popa.com.br/docs/tecnicas/nos.htm>. Acesso em: 17 dez. 2020.

ROCHA, Leandro S.; OLIVEIRA, Flávia R.; SILVEIRA, Marcelo P.; KIOURANIS, Neide M. M. Para uma formação crítico-pedagógica: reflexões de um grupo de estudos sobre a natureza da ciência. *In*: EMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ: TECENDO SABERES, 2., 2014, Foz do Iguaçu. **Anais** [...] Foz do Iguaçu: UNIOESTE, 2014, ISSN: 2316-8285. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/123456789/2514>. Acesso em: 03 maio 2020.

SANTOS, Wildson Luiz Pereira dos; PORTO, Paulo Alves. A pesquisa em ensino de química como área estratégica para o desenvolvimento da química. **Quim. Nova**, v. 36, n. 10, p.1570-1576, 2013.

SILVA, Arnaldo Sérgio da; OLIVEIRA, Flávia Roberta; ZARELLI, Luciana Nitatori Mazaro. Galvanoplastia com impacto ambiental reduzido melhor aproveitamento econômico. *In*: SEMANA DE QUÍMICA (SEQUIF), 2016, Paranavaí. **Anais** [...] Paranavaí: IFPR, 2016, ISSN: 2525-9970. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B2aLQYpW1YOxMUxPRmtLTmlTale/view>. Acesso em: 04 maio 2020.

SPERBER, Suzi Frankl. Debate entre idéias: o conceito de pulsão de ficção e as teorias de Paul Ricœur. (Org.) DE PAULA, Adna Candido, SPERBER, Suzi Frankl. **Teoria Literária**: Hermenêutica Riceuriana: um diálogo possível. Dourados, MS, 2011. 272 p.

YI-FU, Tuan. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983. 240p.

APÊNDICE A – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE HISTÓRIA DE VIDA

Buscando compreender o atual estado da pesquisa autobiográfica de professores de Química, fez-se necessário, a princípio, realizar um mapeamento na Base de dissertações e teses da BDTD/IBICT da Capes. No levantamento acessei por meio de quatro palavras chaves²³ uma quantidade enorme de trabalhos, no total duzentos e vinte e quatro. Para o processo de seleção dos trabalhos realizei leituras parciais e totais dos mesmos, selecionando apenas vinte e sete trabalhos de diferentes universidades e com diferentes enfoques de pesquisa e áreas de concentração para uma leitura mais de perto para compreender o campo de pesq. No entanto, não encontrei nenhum trabalho de pesquisa de natureza autobiográfica de professores de Química apenas de outras áreas.

Referências

ALVES, Roberto Antônio. **Ser Surdo: O Percurso (Auto)biográfico das Aprendizagens Construídas na Vida Escolar e Profissional**. 2016. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), 2016.

ALVES, Ísis Ceuta Pinto. **Fazer do vivido história de vida: a (des)articulação das referências na escrita do memorial de formação**. 2013. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2013.

ASSIS, Thiago Santos de. **Professoralidade em dança no contexto universitário: tessitura de uma rede de experiências**. 2018. 171 f. Tese (Doutorado Artes Cênicas) Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Salvador, 2018.

BARCARO, Carla Fabiana. **“A menina que falava inglês”**: a construção identitária de uma professora de inglês sob as lentes da pesquisa com base em narrativas. 2012. 187 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Londrina, 2012.

BATALHA, Denise Valduga. **Gerações e histórias de vida em diálogo na educação do campo, em classes multisseriadas**: uma contribuição na formação de professores. 2017. 228 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós- Graduação em Educação, RS, 2017.

BRAGA, N. H. **Pesquisando a própria prática**: narrativa de uma professora de Matemática. 2013. 178 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2013.

²³ Foram realizadas quatro buscas com os seguintes descritores: primeira busca: formação de professores; pesquisa autobiográfica; pesquisa (auto)biográfica; segunda busca: história de vida; pesquisa (auto)biográfica; formação de professores; terceira busca: história de vida; pesquisa autobiográfica; formação de professores e; quarta busca: história de vida; pesquisas autobiográficas; formação de professores de química. Os trabalhos repetidos foram desconsiderados.

BRIÃO, Gabriela Félix. **Eu, uma professora de matemática em jornada narrativa em busca de meus eus-professores em autoformação**. 2017. 321 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2017.

CASTRO, Henrique Sérgio Beltrão de. **No ar, um poeta: do singular ao plural – experiências afetivas (trans)formadoras em percurso autobiográfico poético-radiofônico**. 2011. 222 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2011.

CONCEIÇÃO, Ana Paula Silva da. **Reinvenção e itinerância de uma educadora da infância e constituição narrativa: compreensões implicadas sobre a práxis educativa com crianças, inspiradas em uma concepção de currículo brincante**. 2009. 123 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2009.

FERREIRA FILHO, João. **A escola pública e a formação do diretor: uma narrativa autobiográfica**. Presidente Prudente. 2016. 282 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2016.

FIGUEIRÔA, Arthur de Souza. **Construção de laços pelas experiências com as Escolas Parque de Brasília: a história de vida de duas professoras de música**. 2017. 144 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

FONSECA, Elisabete Martins da. **Imaginário e formação de educadores: a narrativa de si**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/T.48.2016.tde-06102016-150903. Acesso em: 2019-11-29.

LOPES, Mariana Fonseca. **As dores e amores de tornar-se professora: minhas memórias de professora iniciante**. 2014. 104 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, RS, 2014.

MARTINS, Rosana Maria. **Aprendiz de professora: as narrativas sobre o processo de constituição da identidade docente dos licenciandos de Matemática**. 2012. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Rondonópolis, 2012.

MONTINO, Mariany Almeida. **Riquezas que se podem encontrar nos bolsos de um guarda-po: pensando a formação de professoras das séries iniciais**. 2005. 123 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2005.

OREFICE, Érica Felício de Carvalho. **A arte e a competência leitora: uma experiência interdisciplinar São Bernardo dos Campos**. 2016. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo de Campos, 2012.

REIS, Cristiane Medianeira da Silva. **Andarilhando pelas trajetórias da vida: narrativas (auto)biográficas de pedagogas docentes universitárias.** 2017. 97 f. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação, RS, 2017.

RIBEIRO, Alcione Torres. **Histórias de vida e formação de professores de química.** 2007. 120 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Instituto de Física, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2007.

RIBEIRO, Soraya Coelho da Silva. **Esta é a nossa voz: narrativas de vida dos estudantes do 7º ano do Colégio Estadual Reitor Calmon.** 2017. 125 f. Dissertação (Mestrado - Mestrado Profissional em Letras – PROLETRAS) Universidade Estadual da Bahia, Instituto de Letras, 2017.

SATT, Jorge Antônio de Oliveira. **Nas andanças pelo mundo, repensando caminhos... assim me constituo educador ambiental.** 2009. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2009.

SICARDI, Barbara Cristina Moreira. **Biografias educativas e o processo de constituição profissional de formadores de professores de matemática.** 2008. 167 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2008.

SILVA, Leila Conceição Paiva da. **Escritores da liberdade: uma proposta de intervenção a partir da escrita de si na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola municipal de Salvador.** 2016. 154 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS), Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SILVA, Marco Antônio. **A sinfonia da vida: narrativa sobre a constituição do habitus docente musical.** 2017. 138f. –Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2017.

SILVA, Jassira Braz da. **Habitus docente no ensino de música.** 2016. 68 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Artes (PROFARTES), Fortaleza (CE), 2016.

SILVA, Marcia Moreira da. **Trilhas do Caminhar: as contribuições do Currículo Escolar na Formação e Auto Formação de uma Pedagoga...** 2012. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores.** 2004. 344 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2004.

TOLLE, Eckhart. **O poder do silêncio.** 1ªed. Sextante. 2010.

VIEIRA, Karina Firmino. **Ser professor de música de projeto social:** um estudo com entrevistas narrativas (auto)biográficas. 2017. 142 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

APÊNDICE B – DIÁRIO ÍNTIMO 2017-2020

O PROJETO DE SIGNIFICAÇÃO DOS LUGARES DA PESQUISADORA

Até hoje não se sabe, qual o propósito que impeliu a garota descendente de nordestinos baianos, a voar da pequena cidade do noroeste do Paraná à Maringá, cidade maior para estudar. A autoinvestigação, de natureza autobiográfica evidenciou elementos fenomenológicos que apontaram para a ruptura de vínculos familiares e sociais em prolda trajetória escolar em cidade grande. A investigação tomou corpo de **genealogia (ou ontologia poética)**, narrado em sete dias até completar o ciclo de abstração das lembranças da menina-mulher-pesquisadora; processo em que apenas se deixou ser no percurso da travessia. A sua companheira inseparável fora Clarice Lispector nas personagens Macabéa (A Hora da Estrela) e Ofélia na abertura de diferentes portas que dá acesso a diversos mundos, realidades, os lugares estimulados na leitura imagética, de ego bloqueado, apenas experienciando a natureza primitiva, suprimida. Para tal ato, utilizou **critérios práticos da fenomenologia de Bachelard, a saída do criticismo em** respeito às memórias que a constituía e paciência em aguardar que as imagens poéticas se espantasse no ato da primeira vez, se é que haviam. O processo ocorreu durante os dois anos de autoconhecimento no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática (PPGECM). As narrativas escritas no diário foram dissolvidas e organizadas em movimentos hermenêuticos preservando as formas dos relatos, os fatos oriundos tanto das interfaces da vida interior e exterior quanto ao deslocamento delugares, que revelaram: um inverno de solidão e recolhimento interior (**desceu à senzala e viu a mulher escravizada**); o desabrochar estético na primavera (**segurou a mulher pela mão**); e no verão o fato de descer e subir a serra (**a mulher é gestada no ovo**); a mulher sob a serra e se abraça, a si criança em sonho, no ponto de partida, de ruptura e de encontro na estação da saudade de Itaúna do Sul. E no outono sai do ovo sob uma nova cosmovisão. O estilo da narrativa se dá ao leitor em refluxo em respeito ao percurso de abstração da ideia assimilada apenas no último ato do sétimo dia, na Páscoa. Portanto, o resultado da autoinvestigação é a própria obra, coagulada pelas mãos da mulher-pesquisadora, que se dispôs a investigar narrativas próprias na tentativa de tentar responder três questões centrais: Qual(is) o(s) **objeto(s)** da autoformação? É possível encontrá-lo(s) por meio da autoinvestigação? Qual a

relevância de experienciar diferentes lugares para a construção histórica do ser professor? Qual a ideia da variável tempo no percurso formativo?

Diálogos dos sete dias de rememoração

Entrada

A obra foi surgindo com passos singulares no laboratório da vida. No noturno descubro-me, portanto, de dia me faço, escrevo o entendimento dos diferentes lugares de recolhimento, de solidão, no choro, na tristeza, ou na alegria dos momentos engavetados em algum lugar da memória. Mas, no criado-mudo do quarto, encontrei o arquivo morto cheio de pastas. Lá, estava o projeto da família, os objetivos da alma, impedidos pelo futuro, o lugar da covardia. Por isso, que no sétimo dia, compreendi a agonia, pois. No noturno ele veio, ao socorro da menina. Ao vê-la assustada diante da ponte quebrada e por ser inexperiente na arte da vida, pegou-a pela mão, e atravessaram o rio. Mas quem era, se na penumbra a face escondia? A ele dirigiu-se, pedindo que sussurrasse o poema, a imagem poética, da lembrança essencial da vida. Na estrada o ódio secou, e ao longo do processo encaixou o quebra-cabeça, compreendendo no sussurro das palavras a entrada à obra familiar da mulher, que se sensibilizou diante da água salgada que lhe deuvida. O alimento que necessitava para no aniversário de Páscoa, ressuscitar e vir-a-ser, sendo no processo de escrita.

Devoção

A escrava branca pela manhã vestiu roupas de empregada, preparou o café e esperou o estado de graça. O tempo de espera é a preparação para os trabalhos.

Em silêncio perguntou: Senhor como posso te servir?

E ele respondeu: “Senta-se a minha mesa para que eu lhe sirva uma xícara de café”.

A escrava sentindo-se indigna de tal convite lhe respondeu: Senhor, ainda não faço por merecer!

O pai, respondeu-lhe: “cálice, cálice, cálice”

Então me ensina pai, para que por meio do meu trabalho eu possa ser digna de me sentar.

O pai, ouvindo o clamor abençoou-a: “a cada trabalho ficarás mais leve que uma pena e em tudo que tocares transmutará ódio em esperança. A sua devoção lhe salvou, pois à tempos se alimentas do meu corpo e do meu sangue, as palavras que saem de minha boca”.

A escrava agradece: Gratidão pelo instante pai!

Resposta à busca de outros lugares

Perdão Senhor, se demorei a compreender e pôr o projeto a diante.

Peço também, que perdoem essa escrava branca que insistia em permanecer na senzala da vaidade. Foi muito tempo sendo servida e se tornou um hábito. A sua fomeera grande e quando viu o prato de lentilhas, caiu de boca.

À minhas queridas orientadoras que me seguraram pela mão.

À professora Maria Ângela, mulher de coragem que desafiou a vaidade e a arrogância da escrava branca que estava ludibriada pela senzala.

E a todos os antigos que desafiaram-na a não desistir!

Agora, quem vos fala já não é mais a escrava branca. A escrava desceu a serra. A mulher subiu. Ela tem que trabalhar para que outros(as) compreendam o que é o lugar perdido. Que me perdoem os homens, e os machistas, não quero ofendê-los. É que cada um deve encontrar o seu lugar. Hoje, preciso firmar o meu.

As palavras são ditas para que o projeto aconteça, enquanto a casa é faxinada. Por isso, o trabalho é fazer com que o projeto aconteça, na riqueza do bordado das palavras, de como encontrei a chave de entrada no trem perdido na Estação da Saudade de Ponta Grossa rumo à Itaúna do Sul.

Agradecimentos

Gratidão, palavras! A oferenda vai para minhas raízes históricas, e a todos (as) que já beberam da água do mar. Com licença, posso tocar no cordão da minha vida? Sim! Então, a obra vai começar!

Elementos da cosmovisão da mulher no mar

Neste momento estou oca e vazia de mim mesma. Como posso ensinar algo a alguém neste estado de espírito? O projeto está cancelado! O canal que abrimos ainda permanecerá aberto. Alimentarei com o passar do tempo com ideias e obras que surgirem, se surgirem, tudo é tão incerto.

Como posso ir até vocês tão grande? Tenho que continuar a me percolar pelas estradas da vida até tornar-me pequena como um grão de areia, imperceptível aos meus olhos e aos olhos de outrem. Talvez, uma vida não seja suficiente, para silenciar-me por completa, sendo capaz de ouvir apenas uma voz. Àquela, que vem das profundezas de meu ser.

A única coisa que surge de ideia nesta manhã de 04 janeiro de 2019 é: a estrada é árdua, mas não percam a fé em si mesmos!

É preciso forjar ouvidos novos para perceber, conhecer a essência de nós mesmos e de tudo o que nos circunscreve, isto é, o todo. E, assim, captar as ideias e concretizá-las nas palavras escritas e faladas. Se sentimos medo, já perdemos!

Se buscamos conhecer, que seja apenas um ato puro, ato em si mesmo. Aprendendo com as tantas mães e pais à nossa volta. A sabedoria elementar. Estou aprendendo a esculpir-me novos ouvidos, descendo e subindo a serra em busca de respostas.

É trabalhoso descrever, pois só sentir consome muita energia. É líquido como a água do mar, é sólido como a terra, suave como a brisa e quente como o sol. Você tem medo das palavras? Elas existem em nós e nos outros, elas vivem da vida dada, como uma costa gasta de partículas dando a areia da praia; sais dissolvidos na água do mar.

Gasta até esculpir outra pele, outra camada mais profunda, mais próxima do núcleo. Morre-se e renasce, assim é a vida cheia de palavras. Até que um dia vem o cansaço da existência, das caminhadas...Até que um dia os tímpanos contraem e expandem sem mais dor, nem gritos, nem nada.

A matéria decompõe-se com os incômodos, mesmo os mais leves. O espírito e a alma também, em um fluxo de aparência espontânea. Às vezes, dá uma curiosidade de sentir o refluxo. Daí, espia-se com os ouvidos da alma, a voz que vem do silêncio das

águas do mar, e ela nos diz: Ouve-me, ouve o silêncio! E, depois, ela nos cospe como uma protetora da vida, na força poderosa que é capaz de nos mostrar o degrau que ainda precisamos com esforço, para galgar no merecido crescimento intrínseco.

Se, nos mostra, é porque confiou. Se, nos mostra, é porque sabe, em quem pode confiar o conhecimento da vida. Assim, é a vida do lado de dentro da placenta, no ovo, o ninho da mulher. O resto, é só constatações equivocadas, apressadas, desespero, medo...

No limiar, só existe entrega. Ajuda, um pouco de coragem? Talvez, mas não é aquela coragem de cabra macho. É apenas a sensibilidade da mulher. Tem que aprender a ser mulher, entende? Mulher que sempre está disposta a pagar? Pagar, não com dinheiro, isto já sabemos e fazemos todos os dias. É pagar, para ter um ato gratuito, verdadeiro como a mulher, que investigou a si mesma no mundo, sem precisar provar nada a ninguém, tampouco a si mesma, movida apenas pelo desejo de sentir o conforto do sapato no pé.

Ela, em silêncio, preparou-se para o encontro sentada com ímpeto de criança. Percebeu tudo no nada. E o nada no todo. O processo ocorreu no ato de encontrar a si mesma no outro, o mar. Penetraram-se e romperam-se no choro, etapa da experiência da purificação da alma... Mas, ao final, a mulher saiu do ovo renovada e caminhou com outra cosmovisão. Por isso, escreveu a própria experiência.

Elementos da cosmovisão da mulher e a lágrima

Chegar até aqui, onde exatamente me sento, e por pior que esteja a piolhagem no mundo, eu existo. Um brinde à mulher que vos fala com tesão e humildade. Humildade é pouco para quem se deixa viver de palavras tortas nas esquinas e becos lamacentos das cidades, sem se importar com o que pensam de sua imagem extrínseca.

Ouve-se de tudo o que ninguém quer viver. E ouvindo, ouve-me agora, a voz que dá o instante de vida a vibrar no texto, proveniente da gostosura da convivência com pessoas desatentas. Quem venceu na escola da vida? Pois, ela, a mulher, a musa Clarice, que entrou na sala com a garrafa de uísque, o prêmio. Brindamos com a frase célebre: “Liberdade é pouco, o que eu quero ainda não existe”.

A mulher entrou e ocupou os lugares onde é que o corpo falante estivesse. Quem explica a coincidência de 50 nomes de mulheres, o nome, Clarice, ser contemplado, e eu, tê-la escolhido, quando a cartela se encontrava quase completa? Quem já jogou rifa sabed as probabilidades. Ou é sorte? Tenho minhas dúvidas. Na realidade, para cada nome invocado, uma história teria que ser contada, o movimento de cada corpo nomeado, sobre cada vida singular e significativa. Como não as conheço, nem posso representá-las por completo, invoco-as a também tecer de noite, enquanto trabalham de dia, os instantes do cotidiano das tantas ROSEMEIRE, DENISE, ROSELI, SILVANA, CLARICE, MÔNICA, ROSÂNGELA, CLEUZA, MIRTES, MARGARIDA, ZULMIRA, RAQUEL, NORMA, NOÊMIA, ANTONIA, ALESSANDRA, SALETE, MARLENE, ROSANA, ELIZABETH, DINORA, AURORA, SHEILA, NAZARÉ, LOURDES, CELESTE, JANETE, OLINDA, MÁRCIA, VIRGINIA, CAMILA, ADELAIDE, DIRCE, RENATA, CLAUDETE, IOLANDA, JOELMA, ESTELA, EUGÊNIA, ISAURA, JAQUELINE, LEONOR, MIRIAM, PATRÍCIA, REGINA, MARGARETE, VALÉRIA, SÔNIA, NEUZA E ALINE.

Acontece que um homem desejou o prêmio, e perdeu por falta de humildade. Descobre-se investigando. Desejoso pelo gole, captei na pergunta capciosa que testemunhou contra si mesmo: “você é assim mesma ou finge ser por necessidade deque te vejam?” A falta de coragem, vem da falta de síntese, do medo de ficar desnudado, expandiu-se no desejo interior da superioridade, na farsa da polidez, só para engolir a mulher sem culpa. Chamou-a de vaidosa, na hipótese criada, olhando-a a falar com o corpo que já não é mais mudo. Cadê a abertura para o diálogo? Ouve o próprio monólogo do desejo, delegando-a um lugar muito comum; Àquele dado às mulheres-personagens que ficaram inexistentes na literatura, sem contexto, quando feita por outras mãos, às sujas de sangue, escritas com a pena da galhofa, que hoje denuncia a injustiça dos séculos na literatura brasileira e também na sociedade fingida.

Às tantas bocas de mulheres que sucumbiram, com palavras trêmulas, jocosas, avia de entrada que as condicionavam a objetos, o suspiro de marmanjos negociadores dos corpos, nos balcões dos bares na avenida Das Marias Madalenas. Por isso, não me calo e continuou dando linha na pipa, ao conteúdo dessa história de título: As personagens femininas perdidas na literatura. Pois, no pico da última tentativa de diálogo, Clarice fora interrompida por um atrasado e inseguro no quesito principal, que

se chama educação. A virtude é servir o café, no convite a participar da conversa nesta casa de mulheres, que agora dialogam em busca de fatos.

O conteúdo vem do próprio corpo falante que não deixa de explicar, nem sessade ir ao fundo, nos porões, buscar as ideias depositadas nos remotos lugares da existência. Foi por não desejar a garrafa de uísque que veio a ideia do texto, e outras coisas mais de brinde junto às entrelinhas. Fazer por merecê-las ainda merecendo como o bêbado e o equilibrista, assim caminha a rainha, com a lua debaixo dos pés e na cabeça uma coroa de espinhos. Nesta noite de lua cheia, as palavras cintilam em todas as mulheres, o brilho que dá a vida. Todas unidas debaixo de uma só coroa, irradiando espectros singulares femininos. Sou eu, um apenas, na minha lida, torta de descidas e subidas nas conversas interrompidas pelo trem da vida.

Com quem conversava Clarice? Com Bentinho, que insistia em se incomodar com a cor do espectro de mulher que criou, de nome Capitu. De muitos leitores confusos, pouco letrados, quase entregues às neuroses e filiações dos critérios sem fatos. Se equivocou ele ao tentar por na boca da mulher, as palavras de um narrador masculino, sem atos e isento de qualquer culpa. Qual mulher respondeu dentro da casa às acusações de Bentinho? Todas elas sob o heteronômio de Maria.

Ela mesma, do livro sagrado que abraçou o filho pródigo, abandonado na cruz, e lhe deu a vida em troca, pagando com a dor do novo do parto, diante da vida que concebeu, sem olhar para as blasfêmias do zé-povinho. Sem se ajoelhar em troca de farinha, nem de favores, agindo na fé sem pressa da vitória. E onde estão as provas de Bentinho de que fora traído pela mulher? No recalque da macheza, do medo de dar o lugar da fala a Capitu e ter de calar todos os antigos.

A cilada que o texto criou, a mulher intuiu, na sinceridade e na doçura de investigar-se. Por isso, desceu ao porão e arrancou o espinho da flor, e provou na superfície, face a face, singela e plácida, na lágrima, a vida honesta que a guiou.

Vermes saiam da reta, a lágrima de Maria vai cair, a maior prova de sua humanidade.

E o homem viu-se diante da gota d'água salgada, que lhe deu a vida. Sentindo-se inseguro correu para debaixo dos arbustos e covardemente sentou-se no nome de Capitu, a outra, a outra realidade menos morta, menos pretensiosa, mas capaz de arrancar-me pedaços de hábitos, para nunca esquecer de dar a face, quando me sentir morta. Quando? Quando nos tiram as palavras, o contexto da vida, restando-

nos apenas a linguagem do corpo, lágrimas! Quando, o homem, feriu-a na maldade do sentido da pergunta, que estava na espera de que falasse, e na fala mostrasse sua culpa, a prova de que não era digna de receber o prêmio, na casa dos homens. O lugar mais machista da face da terra, lugar onde se transforma ainda homens em pedras. Por isso, perguntou-a diante da plateia: “você me traiu?” Por julgá-la indigna do prêmio, a garrafa de uísque, com o seu nome. Ela, ingênua, acessou o essencial da pergunta, portanto, feriu-se no espinho da dor, a sua morada predileta. A resposta escorreu, na gota de sangue do espanto, de ter reconhecido a perversidade em um sujeito estranho, que a forçou a desabrochar uma pétala da flor, ainda na infância.

Do íntimo da escritora sai a imprevisibilidade da próxima palavra. Os críticos, dentro da casa a perseguem, apontando os erros, tirando-a do foco da escrita ainda em processo. Perguntando assim: “Afinal, o que restará de bom no término da leitura? Nada que se possa pôr em prática na vida?”

Por isso, me sento no cantinho da sala e choro de tristeza. Em busca de uma resposta que os humanizem. Convocando-os a compreender, que o processo é para me tornar uma escritora criativa, imaginativa, e que se diminuo a taxa de valor opinativo e minimizo o crítico, é porque dentro da Cabana as prioridades são outras; em recriar as obras que reascendem a centelha do tesão em dar sequência a história, que se queria viver mais algumas horas, mas foram interrompidos. Lugares aconchegantes, de roupas espatos de diferentes formas e coloridos, da bondade que ainda não sinto nessa aurora, do amor sonhado e reprimido, do medo que se perdeu abatido na esquina de meu amado, o primeiro beijo esquecido, do primeiro orgasmo sucumbido de culpa e dúvida do instinto, o gosto da conversa entre amigos íntimos que ficou em alguma sala desta história.

Custa-me dizer que pertenço a um tempo perdido, que ainda não foram escritos por homens nas páginas dos livros, a própria causa, indigna poucos da sociedade. Ainda que não compreendamos na mesma proporção, não importa. O que nos resta é a vida de agora. Bora, a história é uma linha em que o trem descarrilho, deixando-nos a merce do que?

De um lugar que nos surpreende quase sempre, nos mistérios da respostaexposta. Como não se espantar com a imprevisibilidade da história? Estamos sempre em movimento, escorregando no tobogã das lembranças guardadas, que quase

sempre voltam, no encontro com coisas e pessoas. Como explicar os fenômenos que esculpe o interior da casa?

Quando se vive a história, lendo em refluxo o texto escrito com sonhos de um palhaço, de ter ido ao circo, esperançoso de aprender o segredo da magia. O que é isto? Espantada, estou, por não conseguir arrancar dentro de mim uma gargalhada sincera destes tempos remotos. Só sei, que ainda que eu não sabia sorrir para todas as pessoas na mesma medida, quando doer, e o choro romper, sorrirei, ganhando instantes de vida, que ninguém me arrancará deste quarto incomodo da casa. Por isso, escolho, voltarao lugar da memória que não me anima a descida, mas ficou registrado como um instantevazio, uma câmara de ecos de devires, que não se cumpriu, ainda que quis ser o palhaçodesta história.

O que me resta agora na auto-investigação?

Resgatar, o fio que se soltou das primeiras palavras, e saltou, e se perdeu nas lembranças da infância, junto ao caderno, chegando do pré-escola. No ato de me sentar, com a mão ajeitando a lição, rompendo-se em choro na vontade das primeiras palavras; opai animando, pegando-a no colo e dando início à recitação de um texto fragmentado, cheio de pretensões. Na voz tranquila, serena e sem pressa deslizando sobre as sílabas, enquanto a menina as repetia, na esperança de entender o caminho de uma pessoa letrada. Mas, um dia, chegou todo irritado e a mãe soltou o verbo em cima do pai amado. A dor sentiu de ter o ídolo humilhado. Hoje, na sala, rogou-o que o homem que a letrou, aceite o preço de sua estrada, crente nas palavras de: “Que no peito te trago agora a vitória de uma menina que fora sonhada, no projeto de família empenhada, o orgulho da escola e ter carregado o mestre no peito, escondida numa caixa; o troféu da pátria desleixada”.

O segredo de sua glória é caminhar nas desumanidades, como um(a) Abaporu de Amaral, de pensamento duro forjando com os próprios braços e pés pequenos, por isso:

[...] Só vou por onde/Me levam meus próprios passos.../ Se ao que busco saber nenhum de vós responde/Por que me repetis: "vem por aqui!"/Prefiroescorregar nos becos lamacentos,/ Redemoinhar aos ventos,/ Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,/ A ir por aí... [...] /O mais que faço não vale nada”.

Pois,

A minha vida é um vendaval que se soltou,/ É uma onda que se levantou,/ É um átomo a mais que se animou... /Não sei por onde vou,/ Não sei para onde vou,/ Sei que não vou por aí!" (Cântico negro de Maria Bethânia)

Por isso, que abraçou no sertão, o cacto, na escolha de uma auto-investigação, para aprender sobre a autoformação, (re)fazendo-se a consciência, por contraste, nas relações éticas e estéticas, estabelecidas nos diferentes encontros com o mundo e no mundo. No percurso de sair em busca dos lugares perdidos na incomensurabilidade do próprio discurso, na idiosincrasia das tantas possibilidades de fios alternativos, de ideias abordadas e abortadas.

Pagou-se, do trabalho de pesquisar, no valor de ter o gosto de viver a experiência aberta e direta, de “despetrificar”, o palhaço de dentro da conversa, avessa a tempos insossos. Depois de tantas páginas escritas; por antigos que habitavam a casa triste, gargalharam de deboche de vê-la, assim tão frágil. Se o que a impeliu é reviver o lugar perdido, entrou com dignidade, substituindo as referências que a distraía, das tarefas que ainda precisava realizar. Porque, a mulher nesta terra, não mais caminha de joelhos como nos tempos passados, em que todos podiam apedrejá-la ileso de seus atos.

Então, o que pensas desta escola, onde se encolheu e passou por de baixo da porta, acessando as lembranças, responsáveis pela configuração do corpo careado que visualizou? E não, me diz por favor, que se trata de uma menina esperta, que se apegou a uma aventura, o conteúdo da saudade; pois, nos limites encontrados, nas rupturas e lacunas a história foi recriada; gestada nos sustos de ter que desfazer os nós da corda detantas encruzilhadas de lugares longínquos. E por mais, que desejou se empenhar por toda a vida aos projeto da Comunidade Eclesiais de Base (CEB's) em Itaúna do Sul, estudando na prática a Teologia da Libertação, o fim do instante os engavetou. E o coração se alegrou, por ter se reconhecido, mesmo quando o corpo não quis mais caminhar. O que eu fazia? Atuava na comunidade. Tínhamos um livro das CEB's com várias temáticas de cunho político, social, econômico, saúde, meio ambiente...O objetivo era que todos participassem, refletissem a realidade, as próprias condições da comunidade. Mas, não era só isso...ainda tem muitos detalhes desse trecho da história a relatar que esculpiram a minha educação na base. O teatro, a manifestação do corpo vale um espaço neste (re)fazenda... E assim, de olhar

moribundo adentrar o corredor de teto enfeitado de fitas brancas e azuis celestes, com mulheres e crianças dançando em louvor a vida, no dia vinte sete de setembro, a celebração de São Cosme e Damião. As mulheres trajavam vestidos rodados e branco. E entre as crianças estava eu, e minhas irmãs. Ganhamos doces e brinquedos e uma lembrança que jamais se apagará. A minha raiz cultural que sucumbiu.

O barco estacionou no banco, no fim de tarde na borda dos Campos Gerais, e avistou Chapeuzinho vermelho, com a cestinha de doces caminhando em sua direção. E se alegrou com o doce de amendoim sem rótulos, elevando o astral ao comê-lo, mas, na aula disseram que éramos todos iguais; diminuindo o potencial da vida, emergindo na flor da pele a vontade de gritar dentro da casa. Atada a cadeira, o doce ergueu, envolto a um papel marrom, amarrado com linha de lã e salivando perguntei: já comeram Haribol?

Ninguém respondeu. Mas, um corpo reagiu, no olhar enojado, diante do papel marrom encharcado de gorduras insaturadas, cujo o consumo moderado é recomendado pelos de expertise de várias disciplinas para a dieta humana. Quem viveu toda essa história? A mulher-pesquisadora e não você leitor. Então, como afirmar que somos iguais?

Dentro da casa, a uma semana, acompanhou um casal de grilos, cantando o início de um novo ciclo que se chama, outono. Dizendo-a que era preciso ter pressa, pois o inverno se aproximava.

O corpo sem saber por onde ia, sentiu um frio na espinha, da lembrança do inverno dos Campos Gerais. Aqui, na cidade perdida, pouco visitada pelos amigos; ouvindo a sinfonia “As quatro estações” de Vivaldi, notou redemoinhos de vento, que davam acesso aos diferentes lugares da casa. Mas, se estranhou no pôr do sol do dia seguinte, na velhinha, apressada questionando porque o céu era tão vasto? Ao som dos pássaros lá ia, trincando de frio os pés e a face enrugada, em busca de seu mundo ainda não desbravado.

Sem o espírito da velha, em outro mundo a menina vivia com frio e apavorada. Estava no quarto das amigas, se lembrando dos conselhos tecidos, à Clarice a vizinha desanimada; sem mesmo saber, o que se passava; de mesmo espírito de menina, a Ofélia traquina, recuperou o registro do quadro, a flor amarelada e seca, o segredo do sofrimento de um desejo não correspondido por outra alma.

No quadro, a casa bem pequena, a mãe e as duas filhas esquecidas, esperavam o pai de família, que nunca mais quis voltar, depois de uma viagem ao trabalho. Dias e anos se passaram, a mulher envelhecia à espera do homem, alimentando-se da dor do veneno, transformado no peito, das palavras que o amor fugido plantou. Na cama anos gemeu a dor da inércia dos tóxicos; sem saber como curá-la; Eis que um dia se dispôs o arroz cozinhar, (re)aprendendo a andar, no sabor insonso e no aspecto “papento” (papa), percebeu-se nas medidas que ainda tinha que se lapidar. As filhas, de infância sofrida, por piolhos grudados aos corpos frágeis, anêmicos, de fios ressequidos sem amor de pai e de mãe; tinham nas mentes fantasias de príncipes e princesas de uma realidade mórbida; por isso, se escondiam no quartinho dos fundos, na espera da volta, de um pai arrependido, de ter abandonado um lar que nunca quis ficar. Desse modo, cresciam sem querer compreender, que os verdadeiros personagens da história são àqueles que se consegue escrevê-los, enquanto se vive a outra realidade menos morta, mas que não se pode negar, tampouco apagar o que acabei de contar.

Assim como a pequena Ofélia, que matou um pintinho, por medo de não saber amar. O ápice da rosa amarelada e seca, da intimidade de Clarice, claria lugares novos em que, a tua boca, ainda permaneces fechada ou aberta, ou estás confuso leitor da minha própria morada?

Mas, se me pegas e ao peito leva é porque sabes amar. E desejosos que eu compartilhe de detalhes íntimos, que deveras ser seu alimento, aos comuns lugares que se interessarem. Veja essa nova metodologia, de como acessar os cômodos das nossas casas, rodopiando do porão ao sótão, para rótulos dissolver. Pois, o Machado que me esculpe é o mesmo que te aparará ao ler-me.

O medo sacode as escadeiras. O desejo seca. Hoje, não pertenço à nenhum senhor! Porque, naquele tempo parecíamos mendigos, que poucos conseguiam oiá. Que agora, posso contar, pois aqui no peito do coração ferido, ainda tem muita coisa pra limpar. Sei ondes os termos habita as mentes, mas de coração fardo jamais perdoara. Trata-se de orgulho que a mãe da casa tem que dá. Lutas que teremos que travar. Quem desse aí na Terra, tem que se esforçar. Porque o dia de colheita chegará e com quanto contribuirá? Sendo assim, não se esqueçam das últimas palavras que mulher-pesquisadora redigirá. Trata-se de um fato, que a causa ainda é desconhecida e a ciência negligência por não saber investigar.

A descrição feita por mim é apenas o efeito captado por meus sentidos, deste lugar desconhecido que busco uma identificação, ainda que seja um animal (um rato), mas um convite a uma escrita reflexiva de um fato retirado do laboratório da vida. O corpo torna-se escrita. E como não é possível atribuir um lugar a morte, os dois, a vida e a morte aparecem simultaneamente em um mesmo lugar.

Se de um lado estava o corpo do animal declinando a sua vida, do outro lado estava eu, a escritora deste trabalho, com os dedos atrofiadas, mas lendo por identificação e fiz a seguinte constatação: De tanto ler por identificação eu me tornei o rato, a simbolização da minha morte, do corpo corroído que a tempos dentro de mim não podia mais se expressar. Eu morri, jogada nos paralelepípedos da rua Comandante Paulo Pinheiro Schmidt, e depois renasci (dia 05 de janeiro de 2019) nas águas salgadas (mar) no ato da primeira vez, o meu nascimento. E aqui estou para contar-lhes esta história que também tem uma pitada de ficção. Por isso, caro leitor, dou-te nesta dissertação, o meu corpo para ser lido, mas semidesnudado.